

Subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895



Canuto Abreu

EDITORA FEESP

Canuto Abreu

Bezerra de Menezes

Subsídios para a História do Espiritismo no Brasil
até o ano de 1895

EDITORA FEESP



Johannes Vermeer - Vista de Delft



Conteúdo Resumido

Este livro representa a condensação de uma série de artigos escritos pelo emérito Dr. Silvino Canuto Abreu, e publicados na revista *Metapsíquica*, na década de 1930.

Esperamos que esta publicação venha ensinar, às novas gerações, o conhecimento de alguns episódios interessantes que fazem parte integrante da História do Espiritismo, em nosso país.

Sumário

Prefácio / 03

Quem foi o Dr. Silvino Canuto Abreu / 06

Bezerra de Menezes / 09

Bezerra de Menezes - Deputado Geral / 16

Os primeiros homeopatas / 18

Olímpio Teles de Menezes / 21

O Grupo Confucius / 23

Augusto Elias da Silva / 28

Federação Espírita Brasileira / 30

Os artigos de Max (Dr. Bezerra de Menezes) / 34

A presidência da FEB / 37

O advento da República / 46

Leopoldo Cirne / 51

Júlio César Leal / 55

"Iremos todos contigo" / 62

As instruções de Allan Kardec / 75

Prefácio

Este livro representa a condensação de uma série de artigos escritos pelo emérito Dr. Silvino Canuto Abreu e publicados na revista *Metapsíquica*, na década de 1930.

No ano de 1950, por ocasião da realização do II Congresso Espírita do Estado de São Paulo, a FEESP publicou-o em forma de opúsculo, dada a relevância dos assuntos nele focalizados e com o objetivo de legar à posteridade um relato histórico do que aconteceu no Brasil, em matéria de Espiritismo, desde os seus primórdios até o ano de 1895.

Aquela edição esgotou-se rapidamente por ocasião da realização do aludido Congresso, deixando nos meios espíritas, que se ressentem da falta de subsídios históricos, uma imensa lacuna que procuraremos preencher agora com a publicação desta nova edição.

As Edições FEESP, decorridos trinta anos do lançamento da edição anterior, e quarenta e cinco da publicação desse material nas colunas da famosa revista *Metapsíquica*, publica esta nova edição, aproveitando o ensejo para também divulgar ligeiros traços biográficos da figura exponencial do Dr. Silvino Canuto Abreu, desencarnado em 2 de maio de 1980.

Esperamos que esta publicação venha ensejar, às novas gerações, o conhecimento de alguns episódios interessantes que fazem parte integrante da História do Espiritismo, em nosso país.

O objetivo da FEESP em lançar esta nova edição foi o fato de se comemorar, em 1981, o transcurso do 150º aniversário de nascimento do grande apóstolo do Espiritismo brasileiro, Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, missionário que deu tudo de si para unir os vários grupos espíritas que viviam esparsos no século passado.

Ao manusear a obra, o leitor estranhará o emprego de termos como kardecistas, místicos, espíritas puros, rustainistas, científicos, swedenborgistas e outros; entretanto, esse era o panorama existente nos últimos anos do século XIX, e não poderemos jamais falsear a História.

Na realidade, no século passado muitos espíritas eram de parecer que se deveria estudar apenas *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, devendo a

Doutrina ser encarada apenas como ciência; outros eram de parecer que o Espiritismo deveria ser filosófico e religioso. Denominava-se Doutrina Espírita apenas ao que constava de O Livro dos Espíritos; os estudiosos dos demais livros de Kardec, se chamavam Kardecistas. Chegou-se a criar um chamado Espiritismo Puro, eqüidistante de "científico" e "místicos". Além destes existia ainda um grupo que se dedicava com afinco ao estudo das obras de J.B. Roustaing.

O quadro era realmente desalentador e representava verdadeira dispersão. Esse panorama perdurou até quando surgiu no cenário espírita a figura apostólica do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, Espírito moderado e pacificador, que, assumindo a presidência da Federação Espírita Brasileira, conseguiu reduzir as proporções da dispersão generalizada, até então prevalecente. Se ele não conseguiu equacionar os gigantescos problemas com que deparou, pelo menos evitou que eles alcançassem maior amplitude, o que fez até o início do ano 1900, quando adoeceu, vindo a desencarnar no dia 11 de abril desse mesmo ano. Bezerra deixou um movimento espírita com linhas bem mais definidas e com horizontes bem mais desanuviados.

Como se pode evidenciar na obra, nem as importantes instruções, recebidas do Espírito Allan Kardec, pelo famoso médium Frederico Júnior, as quais mereceram a aceitação plena de Bezerra de Menezes, conseguiram fazer silenciar as discórdias.

No dealbar do século XX, não estando entre nós, em suas vestes carnis, nem Bittencourt Sampaio, nem Bezerra de Menezes, nem por isso eles deixaram de influenciar, como Espíritos, os que estavam à frente do movimento espírita, no sentido de silenciarem as divergências, dirimirem as dúvidas e eliminarem as rivalidades. A história registra que, assumindo a presidência da Federação Espírita Brasileira e permanecendo nesse cargo durante 14 anos, o grande Leopoldo Cirne ensejou uma significativa estabilidade no movimento espírita, sem que isso significasse a tão almejada pacificação.

Nessa altura dos acontecimentos, o Espiritismo já estava alastrando suas raízes pelos Estados brasileiros. Várias entidades de âmbito estadual foram criadas, surgindo grandes vanguardeiros em numerosas cidades brasileiras. O trabalho incomparável desses homens representou um

verdadeiro embate de pigmeus contra gigantes, mas eles, com suor e lágrimas, conseguiram implantar a bandeira do Espiritismo em terreno até então árido, fato que contribuiu, de forma decisiva, para que a Doutrina dos Espíritos se firmasse como um dos grandes movimentos de renovação espiritual do mundo contemporâneo, com maior amplitude no Brasil — coração do mundo e pátria do Evangelho.

No Estado de São Paulo, pioneiros espíritas da estirpe de Bатуíra, Anália Franco e Cairbar Schutel já no início do presente século atuavam no campo da divulgação doutrinária. Eurípedes Barsanulfo, em Minas Gerais; José Petitinga, na Bahia; e o Major Viana de Carvalho, percorrendo vários Estados brasileiros, fundando federações e centros espíritas, representavam um grandioso esforço para que a Doutrina dos Espíritos se consolidasse de forma definitiva, sem enumerar outros tantos valorosos seareiros que surgiam simultaneamente em todos os quadrantes do Brasil.

Tudo isso fez com que se transformasse radicalmente o panorama espírita brasileiro. A conceituação espírita de Ciência, Filosofia e Religião passou a ser consagrada pela imensa maioria dos seguidores da Doutrina. A Codificação Kardequiana passou a ocupar o lugar grandioso que lhe estava reservado desde 18 de abril de 1857, tornando-se paradigma, se não para todos, pelo menos para a esmagadora maioria dos espíritas.

Como decorrência, já se eclipsou na voragem dos tempos a época em que imperava, nos meios espíritas, o personalismo e as dissensões. Hoje o movimento espírita está muito mais coeso, já representa poderosa força propulsora e, como afirmou Monteiro Lobato, "já não é mais o pequenino riacho, mas tem tudo da onda que rola."

Doutrina Espírita é sinônimo de Espiritismo. A sua estrutura não comporta qualquer outro gênero de ramificação. A Doutrina dos Espíritos, ou Terceira Revelação, foi codificada por Allan Kardec, tem estrutura própria e contornos definidos, jamais podendo ser confundida com movimentos paralelos ou seitas divorciadas daquilo que o emérito mestre francês estruturou nas obras fundamentais do Espiritismo, e que representa a súpula de tudo aquilo que o Espírito de Verdade, prometido por Jesus Cristo, veio revelar à Humanidade sofredora.

Paulo Alves Godoy

Quem foi o Dr. Silvino Canuto Abreu

Nascido em Taubaté, Estado de São Paulo, no dia 19 de Janeiro de 1892 e desencarnado em São Paulo, no dia 2 de maio de 1980. Formou-se em Farmácia aos 17 anos de idade pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na qual também concluiu, em 1923, o curso de Medicina. Bacharelou-se em Direito pela antiga Escola de Ciências Jurídicas e Sociais, depois Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, no ano de 1916.

No campo jurídico, começou a advogar aos 22 anos de idade, no contencioso do Banco Hipotecário do Brasil e da Caisse Commerciale et Industrielle de Paris. Especializou-se em Direito Comercial, Assuntos Bancários e Econômicos, trabalhando no Banco do Brasil e outros até 1932. Desempenhou vários encargos particulares do Governo Federal. Esteve no Extremo Oriente cerca de um ano, estudando in loco assuntos pertinentes à imigração oriental para o Brasil. Foi autor do projeto do Banco do Brasil "Comissão do Açúcar", mais tarde transformada no Instituto do Açúcar.

No campo da Medicina, cuja ciência sempre estudou e amou, escreveu inúmeros artigos publicados entre 1925 e 1930, emitindo idéias com referência à Medicina Social. Foi fundador e Presidente da Associação Paulista de Homeopatia. Como clínico, jamais aceitou qualquer retribuição direta ou indireta de seus serviços médicos.

Foi membro de várias entidades assistenciais e vicentinas, dedicou-se com afincado ao trabalho em prol da criança abandonada. Fundou no Rio de Janeiro, com outros beneméritos, alguns orfanatos. Tornou-se colaborador a partir de 1934, quando passou a residir em São Paulo, da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, uma das mais antigas instituições de assistência à infância em nosso Estado (fundada em 1901 por Anália Franco). Juntamente com a Diretora Geral, Cléo Duarte, empreendeu reformas e construções importantes, fazendo dos Internatos Anália Franco, para meninos, e Eleonora Cintra, para meninas, dois estabelecimentos únicos, com capacidade para mais de 300 crianças.

Na vida econômica se fez por si. Foi sempre progressista, orientado

pelo idealismo de bem servir a coletividade. Em São Paulo associou-se a José Baptista Duarte, nas Indústrias J.B. Duarte, sendo seu Presidente.

Na esfera teológica, empolgado desde os 18 anos pelos estudos bíblicos, empreendeu, entre outros trabalhos, a versão direta dos Evangelhos gregos, tomando por base o mais antigo manuscrito do Novo Testamento, até a época. Pesquisou nas Bibliotecas do Museu Britânico, Biblioteca do Vaticano, Biblioteca Nacional de Paris. Profundo conhecedor da História do Espiritismo no Brasil e no mundo, escreveu, em 1936, quando ainda circulava a revista *Metapsíquica*, órgão da Sociedade Metapsíquica de São Paulo, vários artigos abordando fatos ocorridos no Brasil até o ano de 1895, detendo-se, com profundeza de detalhes, na atuação do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes à frente do movimento espírita em nosso país. Estes artigos foram publicados, em 1950, em forma de opúsculo, por ocasião da realização do 2º Congresso Espírita do Estado de São Paulo.

No ano de 1953, deu início, pelas colunas do jornal *Unificação*, órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, à publicação de uma série de artigos sob o título "O Livro dos Espíritos e sua Tradição Histórica e Lendária", o que fez até junho de 1954. Esses artigos, de suma importância, foram publicados em livro, pelo Lar da Família Universal, do Instituto de Cultura Espírita de São Paulo.

Em abril de 1957, no evento das comemorações do I Centenário de lançamento de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, o Dr. Canuto Abreu, que fazia parte da comissão organizadora das festividades do centenário, fez publicar, em edição bilíngüe, nos idiomas francês e português, o Primeiro Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, reproduzindo o famoso livro na forma em que foi lançado pelo Codificador, no dia 18 de abril de 1857, traduzindo-o também para o vernáculo. Como se sabe, aquela obra básica do Espiritismo foi sensivelmente refundida pelo próprio autor, quando da publicação da sua segunda edição, em 18 de março de 1860, a qual se tornou definitiva.

O Dr. Canuto foi Diretor-Geral da Sociedade Metapsíquica de São Paulo, entidade que posteriormente se fundiu na Federação Espírita do Estado de São Paulo. Foi expositor da Primeira Turma da Escola de Aprendizes do Evangelho, da mesma Federação, tendo tomado parte na

elaboração de alguns dos livros usados naqueles cursos.

Ao longo de sua vida laboriosa e de suas numerosas viagens ao Exterior, conseguiu amearhar livros e documentos raros, formando imensa Biblioteca. Durante a II Grande Guerra Mundial, quando os exércitos alemães invadiram a França, tornou-se depositário de alguns documentos históricos que estavam em poder da sociedade que dirigia os destinos do Espiritismo naquela importante nação européia.

O Dr. Canuto passou seus últimos anos de vida entre seus livros e documentos, sempre ativo e interessado em tudo. O Espiritismo muito lhe deve, pelo muito que fez em favor da divulgação dos seus postulados e pelo seu incomparável esforço em favor das pesquisas que formam parte da História da Doutrina, no Brasil e no mundo.

Bezerra de Menezes

Canuto de Abreu

No Brasil nenhum outro espírita ainda se destacou mais que BEZERRA DE MENEZES, o consolidador da Federação Espírita Brasileira e o orientador e chefe do Cristianismo espírita entre nós.

BEZERRA DE MENEZES nasceu no dia 29 de agosto de 1831, na freguesia do Riacho do Sangue, Estado do Ceará, recebendo a pia batismal do catolicismo, dias depois, o nome de Adolfo. Aos 6 anos sabia ler, aos 7 iniciava o curso primário, na Vila do Frade, aos 11 principiava o curso de Humanidades, em Imperatriz. Seu aproveitamento era notável, bastando lembrar que aos 13 anos, foi professor de latim na própria escola em que fazia seus preparatórios. Orientava-o, nos estudos, o tio e grande amigo Dr. Manoel Soares da Silva Bezerra. Decorridos os cinco anos de ginásio, embarcou, em 5 de fevereiro de 1851, com destino à Corte, para se matricular na Escola de Medicina. Chegou ao Rio de Janeiro sozinho, com 20 anos, no bolso 38\$000 e no espírito uma esperança imensa.

Como todo moço do interior nordestino, trouxe consigo um catolicismo eivado de fatos espíritas. O folclore brasileiro está repleto de crendices espiritóides. Desde criança ele ouvia a narrativa de aparições de almas, de manifestações do diabo, de casas mal-assombradas. Não eram só os sertanejos que lhe contavam essas histórias. Pessoas gradas também. "Quem escreve estas linhas", disse ele (1), "criou-se em meio do povo sertanejo até a idade de 18 anos e guarda daqueles tempos e lugares a mais viva memória, qual não pôde conservar de fatos ulteriores". Aos 7 anos, ouviu de pessoas conceituadas que as almas dos mortos vinham a este mundo visitar os vivos. Em 1840, em sua casa, na freguesia do Riacho do Sangue, o Dr. Antonio Leopoldino de Araújo Chaves, juiz de direito de Quixeramobim, contou um caso estranho que se passara com conhecida moça. Uma possessão, que durou dias e resistiu ao exorcismo do padre Frutuoso. "Devo declarar", diz Bezerra (2), "que eu era bem

menino quando a ouvi; mas, alguns anos depois, tive a ratificação do padre Frutuoso, na Capital. Naquele tempo e principalmente entre gente ignorante, vigorava a idéia de que era o demônio que fazia aquelas artes, por isso, tanto o juiz como o padre contavam o fato como prova do poder do diabo de entrar no corpo de um ser humano".

(1) *Reformador*, 1 ag. 1890.

(2) *Idem*.

Durante os primeiros tempos, continuou na crença e prática religiosas que trouxera do berço, mas na convivência dos colegas, livre-pensadores e ateus, principiou combatendo-os e acabou concorde com eles, "por não ser firmada na razão a minha fé. A mudança, porém, não foi radical: nunca pude banir de todo a crença em Deus e na alma. Tive "dúvida", fiquei "céptico", mas no fundo era deísta e animista" (3).

(3) "*Reformador*", 15-7-92.

Pobre, precisando lecionar para sustentar-se, passando às vezes grandes privações, a fé em Deus e a prece diuturna o amparavam nos momentos mais difíceis. Estudava pelas bibliotecas e comprava livros de segunda mão. Mantinha, entretanto, linha de conduta impecável não só como cidadão, mas sobretudo como estudante. Forte, corado, olhos meigos e inteligentes, sorriso bondoso, gestos elegantes e nobres, palavras meditadas e filosóficas, foi sempre um conselheiro e um guia, desde os primeiros tempos. Preparava-se para ser chefe entre seus pares. Sua nota de exame era habitualmente "optima cum laudare".

Apesar de poucos recursos, não gostava de morar em república de estudantes. Vivia comumente só, em quarto modesto, e tinha pequeno número de amigos. "Eu sinto uma saudade", escreveu ele (5), "doce como os eflúvios que arranca do coração o toque da "Ave Maria" no campanário do sertão, triste como o gemido da rola a prantear a perda do terno companheiro! Eu sinto minha alma, arrebatada nas asas do pensamento, rir e chorar, em êxtase de poética melancolia, toda a vez que me vem à mente uma recordação dos meus tempos de estudante, dessa quadra da vida em que tudo são flores, porque os espinhos estão guardados para o

fim. Repassava eu pela memória as cenas desses felizes tempos e eis que de lindo jardim se destacam e vêm a mim dois vultos de moços, que foram meus melhores amigos na Faculdade de Medicina, onde junto estudamos. Já lá vão anos e anos! Já ninguém se lembra mais dos dois astros que fulguravam na ciência e na literatura! Já só guarda lembrança de sua passagem por nossa sociedade este velho perdido para a terra, que parece ter tido por missão cerrar os olhos aos companheiros de jornada, esperando que lhe cerrem os seus os filhos da nova geração. Antes que chegue esse dia, para tantos pavoroso e para mim auspicioso, quero dizer ao leitor a história dos dois moços, que acudiam à minha evocação do passado, meus caros companheiros, que trocaram as alegrias deste vale de lágrimas pelas lágrimas do vale de alegrias".

(5) "*Casamento e Mortalha.*"

A esses dois amigos ele emprestou qualidades, pensamentos, atitudes, que foram dele próprio. Através do enredo podemos bem ver o estudante Bezerra, tal como ninguém melhor poderia descrevê-lo: "Separamo-nos exclusivamente preocupado com os preparativos para a viagem e, porventura, com o modo de arranjar dinheiro para fazê-la. Era pelo menos neste ponto que eu sentia o engasgo. Dividindo meu tempo pelo estudo e pelo trabalho de ganhar o pão, tinha por via de regra a bolsa a tocar matinas. O que me valia era o alfaiate, a quem pagava um tanto por mês pela roupa que lhe mandava fazer e que, por minha pontualidade no pagamento, me supria de vez em quando nos meus maiores apuros, uns vinte até trinta mil-réis, que nunca mais do que tanto lhe pedi. Mas agora precisava de cinqüenta mil-réis, pois tinha de comprar botinas e chapéu e alugar, ida e volta, um rossinante. Oh! como me batia o coração à idéia do homem abanar-me a cabeça! Além do vexame, o pesar de não ir à festa do Cardoso, em casa do tio Anselmo, onde já vi pelo pensamento brilharem duas estrelas: os olhos da prima Getrudinha. Só esta perspectiva me decidiu na tremenda luta de ir ou não ir ao meu banqueiro. À porta ia recuar, entendendo que era melhor não me expor a uma vergonha e, mesmo na melhor hipótese, não contrair uma dívida, que me cativaria por muito tempo. Mas o caixeiro, que me conhecia, veio a mim saber o que queria. "Ala jacta est" Vencer ou morrer. Perguntei-lhe: O Sr. Faria está? Respondeu-me ele: "Embarcou ontem para a Europa, mas, se precisa de

alguma coisa, está aí o contra-mestre". Foi uma punhalada, que me dissipou as fumaças de flamejar no Itaboraí; mas foi ao mesmo tempo um calmante para minha agitação, quer de passar por uma vergonha, quer de contrair uma dívida, que é sempre um cancro, de que poucos, quando se torna um hábito, se salvam. Dever, para quem se presa, é sempre uma escravidão moral, que se não resgata senão por sacrifícios e que perturba a alma durante toda a sua permanência. Dei costa a casa, onde ia prender grande parte do meu futuro, porque cinqüenta mil-réis, para mim, eram tanto como cinqüenta contos para outros. Voltei mais alegre do que triste, lembrando-me do que ouvia à minha Mãe: "Boa romaria faz quem em casa fica em paz".

* * *

Certo dia, em que tivera de pagar à Faculdade a taxa de exame para não perder o ano, ficara limpo e com o aluguel do quarto vencido. O senhorio, que conhecia por longa experiência a força e a lábria dos estudantes, era atrevidão. Bezerra não tinha livro vendável para levar ao "sebo", nem jóia a pôr no "prego". Sensitivo, brioso e impulsivo, disfarçava a angústia numa esperança sem revolta, confiando a Deus o que lhe viesse em prova de sua virtude. Bateram à porta. O seu coração agita-se, como se fora criminoso procurado pela polícia. O espírito conturba-se pelo receio de não saber se ouviria resignado, sob o ardor da vergonha, a ameaça grosseira do cobrador. Mas abre a porta resoluto. Era um moço que o vinha procurar para lições de matemática, justamente a matéria que Bezerra detestava. O novo aluno, enquanto ele hesitava em o aceitar, tirou a carteira do bolso e disse:

— Como posso esbanjar a mesada e preciso das suas lições, vou pagá-las adiantadamente.

E ato contínuo meteu nas mãos de Bezerra certa quantia e partiu, prometendo vir à hora marcada para a lição. Bezerra, que não tinha livros sobre a matéria, saiu para ir estudar o ponto à Biblioteca Pública, passando pela casa do senhorio. O moço não veio à hora. Nunca mais lhe apareceu. Bezerra, que lhe não pedira sequer o nome, jamais o reviu na vida e dizia, como filósofo:

— Foi a única vez em que estudei a fundo uma lição de matemática e ela me valeu de alguma coisa.

Concluiu o curso aos 25 anos, em 1856. Abriu com um colega consultório no centro do comércio, onde esteve espantando moscas longos meses. Mas, em sua casa, a clínica ia crescendo, pois era de gente que não paga. "Foram caindo na rede alguns peixinhos, mas, coitadinhos, tão magros, que não davam para a consoada dos rapazes." O Dr. Manoel Feliciano Pereira de Carvalho estava chefiando o corpo de saúde do Exército e o convidou para médico militar com o posto de cirurgião-tenente, dedicou-se então à cirurgia, em que chegou a ser notável. No ano seguinte, 1857, foi recebido como sócio efetivo da Academia Nacional de Medicina, à qual apresentou uma Memória, considerada excelente. Eleito redator dos seus Anais, durante quatro anos conservou com brilho o honroso posto. Não abandonou, entretanto, a sua clientela pobre. Ela foi ao contrário crescendo ao ponto de não lhe dar tempo para comer: se não lhe pagava, dava-lhe "o mais glorioso dos títulos: o médico dos pobres". A pouco e pouco foi a fama realçando o seu nome e o escritório da cidade passou a render. Ganhava aqui para despender lá "tão exatamente que, ao chegar o fim de ano, o balanço acusava grande lucro, mas o cofre estava tísico". O coração, porém, estava contente e a consciência nadando em alegria. "Oh! esta exultava, banhada num oceano de eflúvios tão leves, tão límpidos, como deve ser o ar que respiram os habitantes dos mundos celestiais." Encontrava satisfação em não ter dinheiro para ir ao teatro por havê-lo gasto com os pobres. Não ia "ouvir a Lagrura, a Charton, o Tamberlick espalharem as harmonias divinas das composições de Verdi ou de Bellini", mas sentia soar-lhe "aos tímpanos acordes muito mais arrebatadores do que os do Trovador, muito mais dolentes do que os de Norma". Não se negava a ver um doente, onde quer que ele se achasse, nos morros, nas praias, quer chovesse, quer fosse a desoras. Ele mesmo se definiu: "O médico verdadeiro é isto: não tem o direito de acabar a refeição, escolher a hora, de inquirir se é longe ou perto... O que não acode por estar com visitas, por ter trabalhado muito e achar-se fatigado,

ou por ser alta noite, mau o caminho ou o tempo, ficar longe, ou no morro; o que sobretudo pede um carro a quem não tem com que pagar a receita, ou diz a quem lhe chora à porta que procure outro - esse não é médico, é negociante de medicina, que trabalha para recolher capital e juros dos gastos da formatura. Esse é um desgraçado, que manda para outro o anjo da caridade, que lhe veio fazer uma visita e lhe trazia a única espórtula que podia saciar a sede de riqueza do seu espírito, a única que jamais se perderá nos vaivéns da vida".

* * *

Casou-se por amor. A esposa querida passou então a oferecer o melhor de sua vida. Queria dar-lhe conforto, alegria, posição social, felicidade, enfim. Não lhe faltavam recursos intelectuais e morais para isso a par de grande capacidade de trabalho. Pensando nela, fazia literatura. Gostava de escrever.

Conhecido o seu grande prestígio sobre a massa como 'médico dos pobres' e 'jornalista elegante', não tardou a ser namorado pela Política. Um dia um dos chefes cariocas entrou pelo seu consultório adentro e à queima roupa, sem circunlóquios, lhe ofereceu um lugar na chapa liberal. O pleito ia ser caloroso e as forças políticas, liberal e conservadora, se igualavam. Era no tempo em que um voto podia fazer pender a balança. Bezerra teve o pressentimento do perigo a que a serpente o arrastava. Mas sua esposa adorada viu com orgulho o convite. E o fruto, que lhe haveria de amargar a vida, foi provado. Era em 1860. Bezerra tinha 29 anos, idade em que principia a pujança mental.

Eleito pelos liberais de São Cristóvão, seu diploma foi impugnado por Haddock Lobo, chefe do partido conservador, sob o pretexto de ser Bezerra um militar. Foi o primeiro choque. Estava em jogo de um lado a garantia do seu lar, um emprego vitalício, e doutro lado uma posição política talvez efêmera, dispendiosa e combatente. O lar! Num gesto repentino, renunciou ao posto militar, trocando a segurança pela incerteza. E lançou-se à luta com ferocidade inesperada. A campanha, que acendeu, fez arder-lhe todas as qualidades. Batalhador violento e irreverente, contra ele voltaram-se os ódios do partido conservador. Era o alvo. Os mais

bárbaros adjetivos passaram desde então a acompanhar o seu nome nas verrinas da imprensa. Mas estava à altura da situação.

Orador de argumentos formidáveis e recursos fortes, de atitudes definidas e inflexíveis, seu caráter era indobrável e essa independência o tornava a melhor tábua de lavar roupa suja política. Pôde triunfar durante todo o mandato, que lhe foi renovado. Não recusava a pugna. Não o intibiavam os ataques. Mas quase renunciou a tudo um dia. Um dia cruel para seu coração amoroso. Em menos de 20 horas, a esposa o abandonava para sempre, deixando-lhe dois órfãos, um de 3 anos e outro de um. "As glórias mundanas, que havia conquistado mais por ela do que por mim, tornaram-se-me aborrecidas senão odiosas..." (13). Conseguiu vencer a crise. Todavia, ao voltar à luta política, já era outro homem. Havia ficado religioso, como veremos adiante.

(13) *"Reformador"*, 15-7-92.

Bezerra de Menezes - Deputado Geral

Em 1867, foi eleito deputado geral. Zacarias teve nele um adversário temível, que era preciso eliminar. Com a vitória do partido conservador, Bezerra caiu. Dez anos ficou na oposição. Dez anos combateu diariamente o Governo pela imprensa ("A Reforma", órgão do partido liberal) e pela tribuna popular, em conferências.

Casara-se em segundas núpcias, ainda por amor, com aquela que estava destinada a ser o anjo do lar nas horas mais tristes, nas horas mais alegres, nas horas de descidas, nas horas de subidas, até lhe fechar os olhos. A par da medicina e da política ocupava-se também de algumas empresas. Era presidente da Companhia Carris Urbanos e foi o fundador da Estrada de Ferro Macaé a Campos.

Em 1878, voltou deputado e, no ano de 1880, foi também presidente da Câmara Municipal e líder do seu partido. Havia atingido um ponto elevado da sua carreira política. Podia ser chamado de um instante a outro a organizar gabinete. Mas seus ardores de reformar tudo e suas idéias adiantadas sobre município impediram sua ascensão. Para subir mais, seria preciso dobrar a espinha, conformar-se com a situação. Durante sua atividade política nenhuma questão social deixou de ter nele um pioneiro: o capital, o trabalho, a escravidão, a saúde pública, a universidade. Combateu os desmandos, as roubalheiras, os escândalos. Por isso, foi combatido a rigor. A "imprensa, já e declínio para o vergonhoso estado de hoje — vasa imunda onde se deposita o lixo de todas as paixões ignóbeis; sentina onde a ralé tem certeza de encontrar os mercenários instrumentos para satisfazer os seus mais depravados instintos; mas também o sexto sentido dos povos, como disse Sycies; o fio dourado da transmissão do pensamento, que já foi uma luz e nossa terra, quando dirigida pelos homens mais respeitáveis da sociedade — era dirigida agora pela vasa social e acolhia e fazia sua a causa torpe dos especuladores, que o presidente da câmara tinha por dever enxotar do templo" (14). São dignas de apreço, ainda hoje, suas meditações sobre política municipal. "Árvore podre com folhagem verde... Não ressuscitará ao terceiro dia, nem ao terceiro mês, nem ao terceiro ano. O veneno que a consome está na

atmosfera que a envolve. Só a podem respirar as almas pequeninas, eivadas da consumpção moral... Levado pelo princípio de que o elemento municipal é a célula geradora da verdadeira liberdade e da sábia direção dos povos, alimentei a ilusão de erguer o templo abatido. Em vão lutei. A onda, levantada pelo sopro furioso do Euro de todas as corrupções, envolveu o baixel em que me arrisquei." E mais longe: "Tu, meu querido Brasil, tens andado sem leme e sem bússola precisamente porque nunca tiveste, e tão cedo não terás, em sua verdadeira base, a municipalidade. Cumpri meu dever, mas era cedo ainda (15)."

(14) *"Cas. e Mort."*

(15) *"Cas. e Mort."*

A sua missão política tinha chegado ao ápice, como dissemos. Outra mais alta, para a qual já se vinha inconscientemente preparando, o aguardava, não para o coroar de louros, que perecem, mas para trazer à sua memória a imortalidade, em que vive, conservando-o como médico das almas ao serviço duma clientela que cresce todos os dias.

Os primeiros Homeopatas

Ainda não existia Allan Kardec no mundo filosófico e M. Léon Rivail era apenas um ilustre professor de Humanidades em Paris, e já a Corte do Império Brasileiro possuía um núcleo neo-espírita, formado de elementos cultos e de responsabilidade, que irradiava por todo o país, por toda a América do Sul e até pela Europa as ondas do seu saber. A esse núcleo de cientistas se deve, somos o primeiro talvez a afirmá-lo, o preparo do terreno, onde mais tarde seria lançada a semente do Espiritismo. Era o círculo homeopático.

Desde 1818, (16) o Brasil principiara a ouvir falar da Homeopatia. O Patriarca da Independência correspondia-se com Hahnemann. A história não registra ainda o nome dos adeptos senão a partir de 1840, ano em que chegaram ao Brasil dois homens extraordinários, que não devem ser esquecidos pelos espíritas: Bento Mure, francês, e João Vicente Martins, português, depois brasileiro. A ação desses dois super-homens não pode ser contada aqui. Baste dizer: tudo quanto é raiz, tudo quanto é tronco, tudo quanto é galho na frondosa árvore homeopática brasileira, tudo se deve aos dois pioneiros. Outros gozaram as flores, os frutos, o perfume. Outros plantaram em campos novos as sementes colhidas.

(16) Dr. Galhardo, "História da Homeopatia".

Bento Mure e Martins eram profundamente neoespíritas. Ambos possuíam o dom da mediunidade. Mure, clarividente; Martins, psicógrafo. Não se conheciam então as leis metapsíquicas. (16a) Reinava o empirismo nos trabalhos de inspiração. Mas quem ler Mure (17) verificará que, antes de chegar a nós a Doutrina dos Espíritos, ele se dava a transes mediúnicos. Foi devido a uma assistência invisível constante que puderam os dois, numa terra estranha e ingrata, que tanto amaram, amargar um apostolado inesquecível, recebendo em paga do bem que faziam o prêmio reservado aos renovadores: a perseguição, os ataques traiçoeiros, as ofensas morais e o encurtamento da própria vida. Foram os maiores médicos dos pobres, que o Brasil conheceu. É ainda a Martins que devemos a introdução, em nosso país, das irmãs de caridade e dos princípios vicentinos (1843). Ambos tinham como divisa Deus, Cristo e

Caridade. Em 1848, Mure deixou o Brasil para não mais voltar. Martins assumiu sozinho a direção da propaganda, atraindo grande número de adeptos para a Homeopatia. Entre estes lembramos dois nomes, que se tornaram notáveis também, como pioneiros, no Espiritismo: Melo Moraes e Castro Lopes.

(16a) *Ainda não existia a Doutrina Espírita.*

(17) *Mure, "Filosofia Absoluta".*

A cura homeopática envolvia, como envolve ainda hoje, certo mistério para o leigo. Nada mais estranho do que a ação rápida, segura e suave de um medicamento diluído até o absurdo. O médico mais materialista, mais ateu, aparecerá sempre diante do doente, com uma auréola de misticismo. "Aquilo não pode ser ciência humana": é a idéia popular. Ora, Bento Mure e Martins falavam ainda em Deus, Cristo e Caridade quando curavam e quando propagavam. Aplicavam aos doentes os passes como um ato religioso. Não o faziam por charlatanismo. Hahnemann recomendava esse processo auxiliar da Homeopatia. Foram os homeopatas que lançaram os passes, não os espíritas. Estes continuaram a tradição.

Esse ambiente era favorável às idéias espíritas, que principiaram a irradiar, em 1848, da América do Norte. Não é para estranhar, portanto, que os primeiros experimentadores das mesas girantes tivessem saído das fileiras hahnemanianas.

É interessante constatar que José Bonifácio de Andrada e Silva aparece na História da Homeopatia e na História do Espiritismo, em nossa terra, como dos primeiros experimentadores. Contudo, o grupo espírita mais antigo, que se teria reunido no Rio de Janeiro, foi o de Melo Moraes, homeopata e notável historiador. Isso se teria dado antes de Kardec, por volta de 1853, segundo uma tradição, que o "Reformador" de 1º de maio de 1883 registrou. Frequentavam esse grupo o Marquês de Olinda, o Visconde de Uberaba, o General Pinto "e outros vultos notáveis da época". Por isso, o primeiro período espírita é contado desse ano até 1863. O segundo, de 1863 a 1873, o terceiro de 1873 a 1883. O quarto é contado

de 1884 a 1894, o quinto 1894 a 1904, o sexto de 1904 a 1914. Neste trabalho em torno de Bezerra de Menezes, para bem o destacar, é necessário recordar rapidamente esses períodos, exceto o último.

Olímpio Teles de Menezes

Graças ao fato de começar o Espiritismo pela nata social, (18) as primeiras notícias de imprensa lhe foram favoráveis, ou pelo menos não lhe foram contrárias. Quando "O Livro dos Espíritos", em edição francesa, chegou à Corte, já encontrou um meio propício para sua divulgação. Além de comentários de imprensa, começaram a circular folhetos sobre a Doutrina. Em 1860, apareceram os dois primeiros livros em português: o do professor Casimir Lieutand, "Os tempos são chegados", o primeiro talvez na América do Sul, e o "Espiritismo na sua expressão mais simples", sem nome do tradutor, que só apareceu na terceira edição, em 1862, professor Alexandre Canu. Ao terminar o primeiro período, em 1863, o Espiritismo já era um assunto sério. "O Jornal do Comércio", o maior órgão da época e o mais prestigioso, dava, em 23 de setembro, desenvolvido comentário favorável à novel Doutrina, embora pela conclusão demonstrasse que o escritor ainda não estava senhor da matéria quanto à finalidade.

(18) *"O Eco d'Além Túmulo", n.º 1: "... e isso não é difícil de provar, se observa que o Espiritismo fez adeptos principalmente nas classes elevadas da sociedade".*

O segundo período começou em 1863 com a primeira contestação de espíritas a um comentário desfavorável ao Espiritismo. Em 27 de setembro, o "Diário de Bahia" transcrevera um artigo do Dr. Déchambre, extraído da "Gazette Médicale". Artigo debochativo e burlesco. Os Drs. Luís Olímpio Teles de Menezes, José Álvares do Amaral e Joaquim Carneiro de Campos subscreveram uma réplica, publicada no dia 28 do mesmo mês. Foi esse artigo que colocou o Brasil em destaque aos olhos de Kardec, (19) e marcou, por isso, o início de uma nova fase, na qual apareceram os primeiros centros espíritas nos moldes preconizados por este (Revue Spirite, 1864), quer na Bahia, quer no Rio, em Sergipe e outros Estados. Em 1869 saiu a nossa primeira revista espírita: "O Eco de Além Túmulo", "monitor do Espiritismo no Brasil", mensário de 6 x 6 páginas in-oitavo sob a direção de Luís Olímpio Teles de Menezes, membro do Instituto Histórico da Bahia e taquígrafo, depois, na Câmara

dos Deputados, além de publicista estimado. Assim, tivemos um meio neo-espiritualista anterior a Kardec e um meio espírita contemporâneo dele.

(19) *"Revue Spirite", vol. 8, pág. 334.*

Ao entrar o Espiritismo mundial na sua segunda época, que principiou com a morte de seu codificador, em 31 de março de 1869, não havia ainda entre nós, como quiçá em parte nenhuma, salvo Paris e América do Norte, senão esses grupos particulares, mais ou menos cultos. Já era, entretanto, crescido o número de adeptos, contados principalmente entre médicos, engenheiros, advogados, militares, professores e artistas. Bezerra de Menezes, a esse tempo, se entretinha apenas com livros religiosos.

A viuvez levava-o a ler a Bíblia e esta lhe dera particular entusiasmo pela religião comentada. Como toda a gente culta, naquela grande aldeia que era a Corte ao tempo do Concílio do Vaticano, discutia e estudava religião e ouvia falar da doutrina de Allan Kardec. "Mas repelia semelhante doutrina, sem conhecê-la nem de leve, pelo temor de perturbar a tal e qual paz que me trouxera a volta à religião de meus maiores, embora com restrições" (20). Estas restrições eram relativas à Igreja e ao Estado. Esse período de cristalização ideológica deveria durar nele o tempo necessário para reunir sólido conhecimento em teologia. Graças a tal preparo, a sua conversão foi um mero fenômeno de recordação. Ele chegou ao Espiritismo sem o saber.

(20) *"Reformador", 15-7-92.*

O Grupo Confucius

A morte súbita de Kardec deixara o Espiritismo sem chefe e os pretendentes ao cargo apareceram em todos os pontos, dividindo, subdividindo, e retalhando as opiniões (21). Todos queriam uma união dos espíritas em torno dum centro diretor. Todos, porém, queriam ser esse centro. O rebanho sem chefe começara desde cedo a debandar e em torno da herança moral de Kardec esvoaçavam as aves de rapina. O Brasil refletia a mesma divergência e competição. Pareceu, por isso, a alguns oportuno criar, no Rio de Janeiro, um núcleo regular para dirigir o Espiritismo e orientar a propaganda. Essa sociedade, fundada em 2 de agosto de 1873, com estatutos impressos e notícias pela imprensa nacional e estrangeira, inclusive em Paris, tomou o nome de GRUPO CONFUCIUS. Não era uma homenagem ao grande filósofo chinês, mas a um Espírito, que vinha desde algum tempo, nos trabalhos particulares do Dr. Sequeira Dias, ensinando elevados princípios de moral. Na organização dessa primeira entidade jurídica do Espiritismo no Brasil entrou o elemento homeopático com preponderância. Alguns de seus membros tornaram-se mesmo, com o tempo, notáveis médiuns curadores, que só empregavam a homeopatia. Eis sua primeira diretoria: Dr. Sequeira Dias, presidente; Dr. Silva Neto, vice-presidente; Dr. Joaquim Carlos Travassos, secretário geral, Sr. Eugenio Boule, 2º secretário; Sr. Marcondes Pestana, 3º secretário; professor Casimir Lieutaud, tesoureiro; Dr. Bittencourt Sampaio, Madame Perret-Collard e Madame Rosa Molteno, membros do Conselho Fiscal. A divisa da sociedade era: "Sem caridade não há salvação". Uma das formas de caridade era curar pela homeopatia. Ainda nesta fase, continuava, do mundo Invisível, o apostolado de João Vicente Martins, falecido em 1854, e Mure, em 1858. As principais receitas espíritas daquele tempo e durante muito tempo ainda eram inspiradas por MARTINS e BENTO MURE. Nas preces dos médiuns, como o autor deste livro ainda alcançou, eram evocados esses dois nomes conjuntamente com o de outros Espíritos.

(21) Justamente ao comentar o 1º número de "O Eco d' Além Túmulo", a Revue Spirite mostrou a nova orientação anti-kardedsta, que adotava, no próprio ano da

morte de Kardec: "Segundo nós, o Espiritismo não deve ficar uma filosofia tolerante e progressista, abrindo os braços a todos os deserdados, qualquer que seja a nacionalidade e a convicção a que pertençam." "O Eco" defendia o Espiritismo cristão. (Revue Spirite , vol. 12, pág. 349).

* * *

Pelo GRUPO CONFUCIUS, na sua curta existência de menos de três anos, passaram quase todos os curiosos e crentes da época e muitos vieram de longe. A ele deve o Espiritismo brasileiro três serviços inestimáveis: a primeira tradução das obras de Kardec; a primeira assistência gratuita homeopática; a primeira revelação do nome do guia do Espiritismo no Brasil.

Bezerra, que não era crente, nem curioso, não passou por ele. Mas Travassos, que havia empreendido a primeira tradução das obras de Kardec e levava a tarefa a bom termo, logo que saiu do prelo "O Livro dos Espíritos", levou um exemplar ao deputado Bezerra, entregando-lhe, com dedicatória. "Deu-mo na cidade e eu morava na Tijuca, a uma hora de viagem em bonde. Embarquei com o livro e, como não tinha distração para a longa viagem, disse comigo: ora, adeus! Não hei de ir para o inferno por ler isto... Depois, é ridículo confessar-me ignorante desta filosofia, quando tenho estudado todas as escolas filosóficas. Pensando assim, abri o livro e prendi-me a ele, como acontece com a Bíblia. Lia. Mas não encontrava nada que fosse novo para meu Espírito. Entretanto tudo aquilo era novo para mim!... Eu já tinha lido ou ouvido tudo o que se achava em "O Livro dos Espíritos"... Preocupei-me seriamente com este fato maravilhoso e a mim mesmo dizia: parece que eu era espírita inconsciente, ou, como se diz vulgarmente, de nascença..." (22)

(22) "Reformador", 15-7-92.

O GRUPO CONFUCIUS era espiritista puro. O art. 28 dos estatutos adotava somente "O Livro dos Espíritos" e "O Livro dos Médiuns". Os kardecistas principiaram a reclamar. Achavam que o Espiritismo puro,

sem o kardecismo, não vingaria no meio popular, numa nação visceralmente cristã. A melhor propaganda devia ser calcada no Cristianismo. Apoiado no Evangelho, na moral de Jesus, no kardecismo enfim, o êxito seria uma questão de tempo. Essa opinião era tratada com calor. Os kardecistas queriam fechá-la. O "Guia" procurava a conciliação no terreno puramente espírita:

"Nossa missão, como a vossa, é de irmos ao encontro da boa vontade. Cristo disse: "Quando vos reunirdes em meu nome, estarei no meio de vós". A nós, que não somos o Mestre, cumpre o dever de assistir-vos, encorajar-vos e dizer-vos: Homens de boa vontade, que a fé, a caridade, a união animem vossos corações, para que os bons Espíritos sejam convosco. Animados desses sentimentos, que a todos almejamos, vereis aumentar as vossas forças, decuplicar os meios de fazer o bem. E se tiverdes humildade para reconhecer que estes fatos são dons de nosso Pai e não o efeito de vossa personalidade, as bênçãos descerão sobre vós e tereis a glória de haver colocado a mão na obra de regeneração, aplicando a lei do progresso. Coragem, fé, perseverança e seremos sempre convosco. Confúcius." O Espírito Kardec explicava: "Trabalhar na vinha do Senhor é levar aos vossos irmãos a coragem, a consolação, a resignação e sobretudo a esperança, quando encarnados, e indicar, aos desencarnados, a via da felicidade que perderam. Trabalhai sem cessar e sereis assistidos, esclarecidos e abençoados".

Mas o Espírito, a quem todos rendiam homenagem, em quem o próprio Confúcius e o próprio Kardec, para só falar dos grandes, reconheciam um missionário para o Brasil, parecia apoiar os kardecistas. Em suas raras e preciosas mensagens, repetia sempre: O Brasil tem a missão de cristianizar. É a terra da promessa. A terra de todos. A terra da fraternidade. A terra de Jesus. A terra do Evangelho. Não foi por acaso que tomou o nome de Vera Cruz, de Santa Cruz. Não foi por casualidade que recebeu desde o berço o leite da religião cristã. Não foi sem significação que a viram os primeiros navegadores debaixo do Cruzeiro do Sul. Na Era Nova e próxima, abrigará um povo diferente pelos costumes cristãos. Cumpre ao que ora ouve os arautos do Espaço, que convocam os homens de boa vontade para o preparo da Nova Era, reconhecer em Jesus o chefe espiritual. Com o Evangelho explicado à luz

do Espiritismo, a moral de Jesus, semeada pelos jesuítas e alimentada pelos católicos, atingirá a sua finalidade, que é rejuvenescer os homens velhos, que aqui nascerão ou para aqui virão de todos os pontos do globo, cansados de lutas fratricidas e sedentos de confraternidade. A missão dos espíritas no Brasil é divulgar o Evangelho em espírito e verdade. Os que quiserem bem cumprir o dever, a que se obrigaram antes de nascer, deverão, pois, reunir-se debaixo deste pálido trinário: Deus, Cristo e Caridade. "Onde estiver esta bandeira, aí estarei eu, ISMAEL (22a)."

(22a) Cada vez mais no Brasil, seguimos esta orientação, lutando pela prevalência do Espiritismo Religioso.

Em vez de união e harmonia foi a divisão e a discórdia, que surgiram, enfraquecendo o Grupo, para o extinguir em menos três anos. Os kardecistas o foram abandonando e fundando, nos próprios lares, ou em certos lares, grupos particulares para o estudo exclusivo do "Evangelho Segundo o Espiritismo." Em 26 de abril de 1876 um grande número fundou a primeira sociedade evangélica regular denominada "Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade". Um dos chefes, Bittencourt Sampaio, presidia os trabalhos e receitava homeopatia sob inspiração. No dia 11 de setembro de 1878, o advogado Antonio Luiz Sayão, vendo moribunda e desenganada a esposa, resolveu acompanhar Cândido de Mendonça até Bittencourt para pedir uma receita aos Espíritos. A homeopatia indicada curou-lhe a mulher em pouco tempo e conquistou para o kardecismo um dos seus maiores valores. Contemporânea da de Kardec, a obra de Roustaing já era estudada aqui. Bittencourt era rustanista e Sayão se tornou o seu melhor discípulo. Não havia ainda a fronteira entre kardecista e rustanista.

* * *

Muitos elementos bons a homeopatia espírita conquistou para o Espiritismo. E maus, também.

Houve um homem, que chamaremos por professor T., a quem coube o papel de opositor dos planos de Ismael. Conhecemo-lo já bastante velho e alquebrado, mas ainda no posto infeliz que o destino lhe reservara. Não queremos crer que agisse só pela força de seus sentimentos. Atuou antes

como médium do escândalo necessário. O professor T foi durante toda a vida o médium do escândalo para os kardecistas. Inteligente, ativo, operoso, conhecendo suficientemente o Espiritismo, possuindo uma esposa com faculdades mediúnicas notáveis, pôde, pelo maravilhoso que fazia, arrastar muitos incautos. Foi Bezerra de Menezes quem combateu e venceu, usando para isso duma violência inusitada nos arraiais espíritas, como veremos. A "Sociedade Deus, Cristo e Caridade" agasalhou, em seu redil, esse terrível lobo e o resultado foi a separação entre "místicos" e "científicos", onde só deveriam existir cristãos espíritas. Os "místicos" abandonaram-na e foram fundar, em 2 de março de 1880, a "Sociedade Espírita Fraternidade", levando consigo, segundo diziam, o estandarte de Ismael. Queriam, portanto, ser o centro diretor do Espiritismo brasileiro, do qual Ismael era considerado o chefe espiritual.

Augusto Elias da Silva

Augusto Elias da Silva, ao lançar em 21 de janeiro de 1883 o *Reformador*, que havia de marcar o início do quarto período (1883-1893), era ainda neófito e quase desconhecido. Datava de fins de 1881 o começo de seus estudos, numa sessão da Academia, diante de uns cinqüenta "científicos". "Deus me perdoe os falsos juízos que então formei da ilustre diretoria. Saí mais incrédulo do que entrei e com o desejo de desmascarar os membros da "Academia", se os reconhecesse especuladores ou, então, se fossem apenas visionários, convencê-los do seu erro" (23). Para isso continuou a freqüentar sessões e a ler "O Livro dos Espíritos". Pelo raciocínio, antes que pela observação, a bastilha de prevenções foi sendo abalada e certo dia caiu. Rendeu-se nobremente de corpo e alma e com tamanho ardor que, entre tantos veteranos, foi quem primeiro escreveu, em junho de 1882, uma réplica à Pastoral do mesmo mês e ano em que o Chefe da Igreja, no Rio de Janeiro, declarava: "Devemos odiar pelo dever de consciência". Não conseguindo inserir o artigo em nenhuma folha, entrou a alimentar o desejo de possuir um jornal próprio ao serviço das idéias liberais. E quase sozinho, fazendo sacrificio acima das possibilidades, pois era apenas dono de um atelier fotográfico, concretizou a idéia seis meses depois. "Órgão evolucionista", o *Reformador* propunha-se a renovar os costumes. Tinha uma secção "consagrada a todas as corporações científicas, filosóficas e literárias", e outra para o Espiritismo. Editado o primeiro número, saiu a procurar colaboradores.

(23) *Reformador*, 1891.

Naquela hora as forças católicas estavam em marcha. Dos púlpitos fluminenses despejavam-se insultos e insinuações. Sendo impossível ao católico, como disse Carlos de Laet, distinguir o Demônio invisível do seu evocador visível, o "ódio por dever de consciência" era contra o espírita. Não se pensava em salvar o "endemoninhado". Segundo a lei de Moisés, citada na Pastoral, cumpria exterminá-lo.

Elias foi bater à porta liberal de Bezerra de Menezes. Este o aconselhou a seguir naquele momento uma política discreta, não revidar com as

mesmas armas, opor contra o ódio o amor, esperar que os vagalhões da maior força religiosa do país se acalmassem. Afrontar o temporal seria uma imprudência. Era conveniente conquistar, e não combater o católico.

E, enquanto o Dr. Antonio Pinheiro Guedes, médico homeopata, com o pseudônimo de Guepian, o Marechal Francisco Raimundo Ewerton Quadros, com o pseudônimo de Freq, procediam à análise serena da Pastoral e dos ataques católicos, Bezerra de Menezes, com as iniciais A. M., comentava o catolicismo do ponto de vista geral, revelando grande cabedal teológico e de história.

Desta forma coube ao Reformador a glória de publicar as primícias daquele que seria depois, a partir de 16 de agosto de 1896. o maior escritor, o maior orador, a maior opinião do kardecismo brasileiro.

Para travar com maior probabilidade de vitória a luta contra "os quatro inimigos do Espiritismo: o materialismo, o positivismo, o racionalismo e o catolicismo", era imprescindível a união dos espíritas. O Reformador defendeu, por isso, o ponto de vista da União Espírita do Brasil, que era criar "um centro, no Rio, formado por delegados de todos os grupos". Não se tardou, porém, a perceber a dificuldade do plano. Não querendo ligar o Reformador a "nenhuma sociedade ou grupo espírita já organizado" (24), Elias e seus amigos Quadros, Xavier Pinheiro, Fernandes Figueira, Silveira Pinto, Romualdo Nunes e Pedro da Nobrega, deliberaram, no Natal de 1883, fundar uma sociedade nova destinada a federar todos os grupos por um programa equilibrado ou misto. Esses amigos costumavam reunir-se em casa de Elias, à rua da Carioca nº 120, as terças, para confraternização espiritual e resolveram transformar esse grupo íntimo numa entidade jurídica de vastos horizontes. Na reunião seguinte, 1º de janeiro de 1884, aprovaram o plano duma FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. O médium Manoel Fernandes Figueira leu um interessante acróstico de "federação espírita brasileira", escrito na véspera, 31 de dezembro de 1883, em cujos dois últimos versos se pôde ver a verdadeira finalidade da agremiação:

Reunindo em um forte, indissolúvel laço

A crente comunhão espírita brasileira!

(24) *Id.*, 1893.

Federação Espírita Brasileira

Encontraram-se no dia seguinte, 2 de janeiro, e aclamaram-se primeiro diretório (Quadros, Figueira, Silveira Pinto, Xavier Pinheiro e Elias). Assentaram outrossim que o Reformador passaria a ser órgão da Federação, de 15 de janeiro em diante. Marcaram, ainda, o prazo de sessenta dias para a adesão dos que quisessem figurar no Quadro dos Fundadores e fixaram o dia 9 de janeiro para a primeira sessão. Nesta, foi tomada uma resolução que estava fadada a ser o golpe mais feliz da iniciativa: "Comunicar às Associações Espíritas estrangeiras a fundação da sociedade". Isso assegurou desde logo à Federação uma hegemonia, que ainda mantém. Insistia-se, portanto, na fracassada aspiração do Grupo Confucius e criava-se uma sociedade com o mesmo objetivo da União.

Embora amigo de todos os diretores, Bezerra de Menezes não quis inscrever-se entre os fundadores. Sua hora avizinhava-se, não tinha, porém, soado. O campo, em que semearia depois até a morte, era aquele, mas ainda estava em preparo. Os pioneiros, os desbravadores, não faziam senão iniciar o trabalho, que a ele caberia completar. Reuniam, na inconsciência dos que obedecem aos desígnios divinos, os materiais necessários ao chefe. Elias levava para o campo a sua ferramenta: o Reformador; Pinheiro Guedes, a sua, a homeopatia; Quadros, a sua esperança geral de harmonia; Figueira, a sua intuição que está no nome da sociedade. Essas dádivas de primeira hora seriam nas mãos de Bezerra de Menezes os elementos da vitória e ainda o são hoje da sua conservação. Não bastavam, entretanto, as ferramentas. O primeiro ano foi de aliciamento de trabalhadores. O nome da sociedade fora escolhido com o sentido usual de aliança de grupos, tal como, desde o ano anterior, se empregava na França e na Inglaterra; mas os grupos eram, afinal de contas, as pessoas dos respectivos chefes. Reunidas estas, a adesão dos grupos seria a consequência natural. No segundo ano começou a colheita. Em 23 de janeiro de 1885, aderiu o primeiro grupo: o "Grupo Espírita Menezes". Houve uma sessão solene: "O fato, que hoje celebramos, é uma

esplêndida vitória, digna de figurar nos anais de nossa sociedade e vem trazer-nos uma animação segura para continuarmos na marcha encetada" (Reformador, 15 de Fevereiro de 1885). Logo em seguida, principiou o Presidente Quadros a primeira série de conferências públicas. Por este sistema de propaganda conseguiu-se, nesse ano, o concurso de elementos prestigiosos na sociedade fluminense, que eram simpatizantes, mas se conservavam retraídos: Dr. Francisco de Menezes Dias da Cruz, o grande homeopata, ainda vivo (24a). O Dr. Castro Lopes, o filólogo, o homeopata, o escritor estimado. E muitos outros. A conferência de Dias da Cruz, em novembro de 1885, foi legítimo sucesso espírita. Não menor foi a de Castro Lopes em dezembro do mesmo ano. O público apreciava a palavra graciosa e erudita deste humanista. No mês anterior, ele proferira uma conferência científica, no Instituto Politécnico, diante do Imperador D. Pedro II e de um auditório seletivo. Como era de esperar, o anúncio de uma conferência, agora espírita, pelo mesmo homem de letras arrastou à Federação uma assistência incomum. Para comportar maior número de ouvintes, o Presidente Quadros resolveu que as seguintes conferências se realizassem de então por diante numa sala mais vasta.

(24a) Desencarnado a 30/10/1937.

Fora uma inspiração. Por notável que haja sido a segunda conferência de Castro Lopes, em 1º de julho de 1886, no amplo salão da Guarda Velha à rua Senador Dantas, não se pode compará-la, no êxito social, na retumbância da opinião pública, na celeuma que levantou em todos os arraiais cariocas, em todo os círculos, principalmente políticos, na sociedade médica e na Igreja Católica, ao acontecimento verdadeiramente extraordinário, que se registrou no dia 16 de agosto de 1886.

"Um auditório de cerca de duas mil pessoas da melhor sociedade" (25) enchia a sala de honra da Guarda Velha para ouvir em silêncio, emocionado, atônito, a palavra de ouro do eminente político, do eminente médico, do eminente cidadão, do eminente católico, Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, que proclamava aos quatro ventos a sua adesão ao Espiritismo.

(25) *Id.*, 1886.

Desde esse memorável dia, o kardecismo passou a ter um chefe no Brasil. Espíritas, kardecistas e rustanistas ficaram contentes. A imprensa registrara o acontecimento como um sinal de tempos novos. O telégrafo transmitiu a notícia aos Estados. As livrarias venderam maior número de livros espíritas. A Federação cresceu em adesões. O círculo católico agitou-se e o Dr. Manoel Soares da Silva Bezerra, interpretando-lhe o desgosto, escreveu a Bezerra uma carta amarga, a que não tardou a resposta: esse primor publicado pela Federação, em 1920, com o título "Valioso Autógrafo". Passado o estupor os ataques principiaram e também as réplicas: "Outro disse, no mesmo tom ex cathedra que eu, fazendo uma conferência espírita, perdi 25% de minha influência política". A outro: "Sei por que afirmo. Sabem por que negam os que me fazem um baldão de ser espírita? Se há um só que tenha feito experiências e colhido fatos contra o que afirmo, apareça, seguro como deve estar de seu triunfo. Mas qual! Assim concluiu um artigo: "E eis, ainda uma vez, o que são os nossos sábios!". E principiou outro: "O que são os nossos teólogos". Neste, emitiu uma verdade, que sustentamos e desejamos focalizar: "A única divergência que há entre o Espiritismo e o Cristianismo consiste no princípio, aceito pelos grandes vultos de todos os tempos: a pluralidade das existências". (Reformador, 1887). (*)

(*) *Notada Editora: Discordamos desta expressão, pois a doutrina cristã também consagra a lei da reencarnação. Nos Evangelhos deparamos com várias passagens nas quais Jesus Cristo corrobora a pluralidade das existências.*

Bezerra de Menezes levou, portanto, cerca de dez anos aprofundando os seus conhecimentos espíritas antes de entrar na liça de peito a descoberto. Durante esse tempo não se preocupou com a parte experimental, não procurou nenhuma prova para sua crença. Era um kardecista pelo raciocínio. O espírita geralmente adquire a fé após o fato. Foi para o trabalho prático, não para consolidar a fé, sim para fazer o bem. Nada o impressionara mais do que a faculdade mediúnica de João Gonçalves do Nascimento, homeopata espírita notável, cujos diagnósticos e curas trouxeram ao Espiritismo um sem número de adeptos. Considerava o mais impressionante dos fatos, que tivera até agosto de 1892, o diagnóstico de sua dispepsia, feito por Nascimento num papel onde estava apenas escrito:

"Adolfo, tantos anos, Tijuca," entregue ao médium por Maia Lacerda sem mais qualquer detalhe verbal. Foi pela primeira vez a um "trabalho prático" para pedir a assistência dos Espíritos a um obsediado. Levara-o o desejo do bem, não a curiosidade.

Ninguém, entretanto, foi para a linha de frente com maior convicção. Tão grande era ela, que os "científicos" não tardaram a denominá-lo o primeiro dos "místicos".

Os artigos de Max - (Dr. Bezerra de Menezes)

Bezerra de Menezes era um religioso no mais alto sentido. Sua religião era propriamente a espírita, era o Cristianismo esclarecido pelo Espiritismo. Sua pena foi, por isso, desde o primeiro artigo assinado, em janeiro de 1887, posta ao serviço da religião cristã espírita ou kardecismo. Para ele esse ponto de vista sectário era o Espiritismo: "O maior inimigo do Espiritismo, doutrina moral que desenvolve e esclarece os pontos obscuros da que foi pregada por Jesus Cristo, é o catolicismo". (26)

(26) Id., 1887.

Demonstrada a sua capacidade literária no terreno filosófico e religioso quer pelas réplicas, quer pelos estudos doutrinários a Comissão de Propaganda da União Espírita do Brasil (Carlos Cirne e F. Pacheco) incumbiu Bezerra de Menezes de escrever aos domingos, em "O Paiz", a série de "Estudos Filosóficos" sob o título "O Espiritismo". Quintino Bocaiúva, diretor daquele jornal de grande circulação, "o mais lido do Brasil", era simpatizante (e foi depois sincero espírita, que vimos uma vez subir as escadas da Federação para em simplicidade, como outros, que ali estavam, pedir uma receita mediúnica).

Os artigos de Max, pseudônimo de Bezerra de Menezes, marcaram a época de ouro da propaganda no Brasil. De novembro de 1886 a dezembro de 1893, fim do quarto período, escreve ininterruptamente, ardentemente. A nosso ver, e desafiamos contestação, nunca esses artigos foram superados por outros, antes ou depois. Chamamos para eles a atenção não só dos velhos, como principalmente dos novos, que usam da palavra e da pena em prol do Espiritismo. Não possuímos em língua brasileira maior repertório doutrinário do kardecismo. Ninguém falou com maior eloquência, maior sinceridade, maior lógica. Seus formosos pensamentos deviam ser repetidos e propalados amiúde, pois somente relendo e divulgando Max poderão os seus discípulos compreender quanto de errado, quanto de confuso e quanto de ignorância se tem propalado depois dele em nome da mesma doutrina que ele elevou às culminâncias. A leitura de Max devia ser obrigatória, como a leitura de Kardec, para todos que entram.

A par desses artigos, escreveu em 1888 o romance "A Casa Mal Assombrada", que honra qualquer estante e prende qualquer atenção. Nesse mesmo ano sofreu a perda de dois filhos.

Em meio a tanto trabalho de valor, Bezerra de Menezes deixava de vez em quando transpirar a sua mágoa pela desunião dos espíritas, e concitava camarariamente os confrades à harmonia, à fraternidade. Não era possível admitir que gente bem intencionada, desejosa de reformar os maus costumes, de dominar as paixões de homem velho, de mudar a face das coisas, de espiritualizar e cristianizar o meio brasileiro, não fosse a primeira a dar o exemplo de tolerância, unindo-se entre si. A divergência era por questiúnculas de interpretação. Com seu elevado tino político, possuindo um caráter do tipo "eleitoral", sabia que os homens constituiriam células em torno do que tivesse mais prestígio. Urgia que aparecesse alguém com prestígio maior do que o de todos, capaz de fazer em volta de si um partido dominante. Urgia, sobretudo, tirar de certos indivíduos mal intencionados, por delicadeza chamados "obsediados", a liberdade de doutrinar em nome do Espiritismo, que adulteravam consciente ou inconscientemente. Não havia maior inimigo do que o ignorante pretensioso arvorado em chefe de grupo. A continuar pelo caminho de ampla liberdade, em que o primeiro energúmeno podia considerar-se capitão de capa e espada, o Espiritismo teria de sucumbir pelo ridículo. Para dirigir a propaganda impunha-se uma aristocracia no bom sentido. Uma aristocracia de verdadeiros conhecedores, uma nobreza de verdadeiros sentimentos. Duas entidades jurídicas disputavam, intramuros, a hegemonia, que a Academia, por seu feitio cabotino, e a Fraternidade, por sua intransigência sectária, haviam perdido inteiramente: a União Espírita do Brasil, que contava elementos de valor, e a Federação Espírita Brasileira, onde estavam reservas inestimáveis. Ambas, porém, em crise financeira, viviam de coletas para pagar o aluguel, e a pretensão de unir os grupos poderia parecer interesseira. Talvez fosse melhor pôr de lado as duas e formar uma terceira sociedade com os elementos de todos os grupos. A idéia era velha, mas parecia boa.

Estava-se nesta hesitação, quando baixaram, na Fraternidade, as célebres "Instruções de Allan Kardec aos Espíritas do Brasil" (27).

(27) Nota da Editora: Reproduzidas no final desta obra.

A Presidência da Federação Espírita Brasileira

Antonio Carlos de Mendonça Furtado de Menezes tinha sido um dos pioneiros, falecido no segundo período. Espírito superior, passara a guiar trabalhos práticos e sob sua direção espiritual fundara-se o "Grupo Espírita Menezes", primeiro a aderir à Federação. Em janeiro de 1889, o Espírito Menezes anunciou na Fraternidade, que Allan Kardec viria "fazer uma análise da marcha da doutrina no Rio de Janeiro, dirigindo-se a todos espíritas" (28). Realmente, em meado de fevereiro, veio o Espírito Kardec e pelo notável médium Frederico Júnior, que tantos trabalhos nos legou, deu as suas conhecidas "Instruções", para cuja leitura enviamos o benevolente leitor, que quiser compreender o seguimento desta crônica.

(28) *Op. Cit.*

A diretoria da Fraternidade reuniu as "Instruções", deu-lhe um prefácio e, numa conclusão, disse: "Não temos a pretensão de que só conosco esteja a verdade e de que sejamos os únicos no bom caminho, nem julgamos, nem muito menos condenamos a quem quer que seja. Mas, mantendo a Fraternidade sempre perseverante e de pé, apesar de todas as lutas e adversidades, apesar da deserção da maior parte dos irmãos e filhos que aqui receberam a luz, que aqui desenvolveram suas faculdades (29), nós, aceitando as comunicações do Mestre sem idéias preconcebidas, estamos certos de que o Guia Ismael empunha o seu estandarte no seio desta sociedade, tenda levantada por ele mesmo, e para aqui chama todos os de boa vontade e sinceros nas suas convicções, que queiram concorrer para a formação do grande agrupamento donde parta a orientação e se irradie a luz da verdade". (O grifo é nosso.)

(29) *Op. cit. Refere-se a B. Sampaio, Sayão e outros do Grupo Ismael.*

Divulgadas as "instruções", Bezerra de Menezes foi dos primeiros que julgaram a comunicação preciosa. Tendo sido convidado, aceitou a presidência da Federação, esperançado de fazer um movimento no sentido mostrado por Allan Kardec. Convocou todos os grupos para um congresso, que teve lugar em 31 de março de 1889. Compareceram 24 grupos, que aceitaram sua sugestão de pôr-se de lado qualquer das entidades existentes, e formar-se um Centro, em que cada grupo tivesse

um representante. E cheio de animação, disse pelo Reformador de 1º de maio: "Por toda parte, em terra e nos ares, ouviam-se as vozes dos que clamavam por união dos espíritas, por ordem e regularidade em seus trabalhos. No meio dessa aspiração geral, baixou a "Fraternidade" o mestre Allan Kardec e, numa comunicação, que exalta os sentimentos de quem a lê, fez sentir os graves inconvenientes de continuarem os trabalhos espíritas como até aqui, e a urgente necessidade de dar-se uma organização séria ao exército que combate à sombra da bandeira de Ismael. Da Federação ergueu-se o brado de reunir e, mediante convite a todos os grupos espíritas da Corte, teve lugar uma assembléia, em que estiveram representados vinte e quatro grupos, dois terços pouco mais ou menos dos que trabalham entre nós. Nessa assembléia, em que transparecia o ardente desejo de todos: de verem erguer-se, no Brasil, sobre as bases da união e da fraternidade, o templo do angélico Ismael, resolveu-se, por unanimidade, convocar um congresso constituinte, para se assentar no modo de dar-se satisfação à recomendação do Mestre, e aspiração de todos os espíritas. A esse congresso (constituinte) concorreram representantes de vinte e quatro grupos, que formaram a assembléia que o convocara, e mais dez novos, portanto trinta e quatro delegados dos grupos espíritas da Corte". Mais adiante: "Decretando, pois, o regime federativo como lei orgânica do Espiritismo no Brasil, o Congresso dissolveu-se... etc."

A hora era, porém, de confusão, rivalidade e isolamento. Um Centro novo com programa antigo estaria destinado a viver o tempo necessário à eleição dos diretores. Os que não lograssem postos elevados haveriam de ir buscá-los em outra parte. Era, além disso, contra o pensamento do Espírito Kardec. Este convocara à união os kardecistas, não os espíritas (*), que "pelo orgulho se arvoraram em mestres na sua ignorância". Dissera bem claramente ao fim da primeira comunicação: "Permita Deus que os espíritas a quem falo, que os homens a quem foi dada a graça de conhecerem em espírito e verdade a doutrina de N.S.J. Cristo, tenham a boa vontade de me compreender, a boa vontade de ver nas minhas palavras unicamente o interesse do amor que lhes consagro". A união que o Espírito tinha em vista era, sobretudo, entre a Fraternidade e o Grupo de Estudos Evangélicos do Anjo Ismael, mais conhecido por Grupo Ismael

"tout court", fundado em 24 de setembro de 1885 por Sayão e Bittencourt Sampaio (os "desertores" da Fraternidade), para onde iam a pouco e pouco passando "os irmãos e filhos que aqui receberam a luz, que aqui desenvolveram suas faculdades". Bezerra de Menezes, como kardecista, não compreendia que outros pudessem permanecer apenas espíritas; queria, entretanto, a união de "místicos" e "científicos". Talvez por isso não atentou desde logo à circunstância de referir-se o Espírito Kardec à centralização na Fraternidade, nem tampouco no fato de terem a União, desde 1882, a Federação, desde 1884, um programa federativo, unitivo. O resultado foi, como veremos, um grande trabalho em pura perda e contraproducente.

() Nota da Editora: No século passado costumavam-se denominar os espíritas que compartilhavam do aspecto científico do Espiritismo de "científicos". Os que encaravam o ESpiritismo como religião eram denominados "místicos". Chegou-se mesmo a denominar espíritas apenas os que aceitavam O Livro dos Espíritos como expressão da Doutrina Espírita, e Kardecistas os que se dedicavam com mais afinco ao estudo das demais obras escritas por Allan Kardec. Essas ramificações não mais existem, pois atualmente emprega-se o vocábulo espírita para identificar os que aceitam o Espiritismo ou Doutrina Espírita como um todo, em seu tríplice aspecto de ciência, religião e filosofia.*

Animado por uma comunicação do seu Guia Espiritual, Santo Agostinho ("A união dos espíritas e sua orientação vos são confiadas" (30)), e por outras de Romualdo, Daniel, Mont'Alverne, desdobrou-se em atividade. Na Federação, inaugurou em 23 de maio de 1889 a tradicional sessão de sexta-feira, em que explicava à massa ignara, atraída pelo maravilhoso das curas e desejosa da "proteção" do Invisível, "O Livro dos Espíritos". Na União, por conta da qual escrevia os "Estudos Filosóficos" de O Paiz, fazia conferências domingueiras sobre a aliança dos grupos, a organização do Espiritismo. No Centro com os companheiros Dias da Cruz (da Federação), Lima e Cirne (da União), João Kahl (da Fraternidade), Sequeira Dias (da Academia), Antonio Sayão (do Ismael), Maia Lacerda, Xavier Pinheiro, Romualdo Nunes, Elias da Silva, "representantes" de outros grupos, tratava de juntar as peças do "aparelho diretor do Espiritismo", do qual dizia ele "uma vez que é preciso alguém dar movimento à máquina, seremos esse alguém" (31). Fora disso, freqüentava os "trabalhos de desobsessão" do Grupo Luz e Caridade e

traduzia as "Obras Póstumas".

(30) *Reformador*, 1889.

(31) *Max*, "Estudos Filosóficos", vol. 3.

Ao fim do ano, muito sobrecarregado e desejando consagrar-se mais ao Centro, passou a presidência da Federação. Ia pôr a maquina em movimento. Todos os grupos do Brasil deveriam ser distribuídos em cinco determinadas categorias. Ao demais, atendendo a um pensamento do Espírito Kardec ("Para a propaganda precisamos dos elementos constitutivos dela. Pergunto: Onde a escola de médiuns"), aceitou, contra o parecer de Elias, a idéia de uma "Escola de Médiuns". Foi então que começou a ver que todo o seu esforço era baldado. Os melindres não permitiam a distribuição nominal dos grupos pelas respectivas categorias. Instalada solenemente a "Escola de Médiuns", só lhe apareceram professores... Em vão chamava os "representantes" às sessões. Nem mesmo a diretoria de cinco membros conseguia reunir... Apelou para todos os grupos. Nenhuma resposta. Assim correram os meses de 1890 para o grande lutador e idealista.

Enquanto se abandonava o Centro, procurava-se mais a Federação. O Dr. Polidoro Olavo de São Tiago, em janeiro de 1890, trouxe a esta uma iniciativa felicíssima: a instituição da Assistência aos Necessitados, nos moldes das conferências vicentinas. (Sabe-se que as conferências vicentinas tiveram no seu começo, 1883, um caráter espiritual: a visão da irmã Rosaria a intuição dos oito estudantes de direito, as reuniões hebdomadárias, as sessões abertas e encerradas com preces, a evocação do Espírito de São Vicente de Paulo, as decisões caritativas, visita domiciliar, a proteção de um guia espiritual sob que se acolhe cada conferência, tirado, em regra, dentre os santos cristãos, etc. Mesmo depois que a Igreja, doze anos mais tarde, em 1845, tomou a direção espiritual da Sociedade de São Vicente de Paulo, esse caráter espiritual permaneceu.) O Dr. Pinheiro Guedes trouxe à Federação "uma coleção importantíssima de livros sobre todos os ramos do conhecimento humano" enriquecendo, de um dia para outro, a modesta biblioteca inaugurada por Elias da Silva, Antonio Gonçalves da Silva Batuira, o nosso Batuira, a quem São Paulo devia, naquela hora, o maior núcleo espírita do Brasil, maior do que Federação, União e Centro juntos, o primeiro na América do Sul que teve

sede própria adrede construída, à rua Lavapés n° 4 antigo, com tipografia para a Verdade e Luz; trouxe igualmente à Federação, com o primeiro número desta revista, em fase nova, a 20 de maio de 1890, seu apoio moral, tornando-se daí por diante o representante em São Paulo dessa sociedade, Não era só no Brasil o movimento a favor da Federação. Uruguai, Argentina, Portugal tomavam-na para modelo de suas instituições, referindo-se aos seus trabalhos como "notáveis, aos quais muito deve a propaganda".

A União também trabalhava, formando novos grupos pelo Rio e pelo interior.

A que atribuir o fracasso do Centro?

Um dos diretores da Fraternidade fez a Bezerra estas ponderações: "Teria você entendido o verdadeiro sentido das "Instruções"? Nelas não se acha explícita uma convenção ortodoxa tendo por broquel dos Espíritos o Evangelho? Não indica claro que o centro, no qual tremula a bandeira de Ismael, é a Fraternidade? ("Ismael tem o seu templo e sobre ele a bandeira Deus, Cristo a Caridade. Ismael tem sua pequenina tenda, procura reunir todos os seus irmãos, todos aqueles que ouviram a sua palavra e a aceitaram como verdade: chama-se Fraternidade. Pertenceis à Fraternidade? Trabalhais para o levantamento desse templo, cujo lema é Deus, Cristo e Caridade?").

— Eureka!

Convocou o Centro. Ninguém apareceu. Nova convocação. Ninguém. Insistiu, chamando a atenção para a importância do assunto. Ficou abandonado. Procurou os diretores e limitaram-se a dar-lhe "plenos poderes". Quase como representante de si mesmo, dirigiu-se à Fraternidade. Ali, estudava-se "O Evangelho Segundo o Espiritismo" de Kardec. (A mais remota divergência entre kardecistas e rustanistas teve lugar nesta sociedade. O rustanistas não conseguindo que prevalecesse a sua "explicação", foram para o Ismael, em casa de Sayão.) A condição para ser fraternista era a de ser estudante do Evangelho. Contudo, dada a boa vontade de Bezerra de Menezes, consentiu-se em que o Centro ali

ficasse, com uma secção experimental para os "científicos" e estudos evangélicos para os "místicos". Não havia aliás, nenhum inconveniente prático, porque o Centro era afinal de contas Bezerra de Menezes, que todos estimavam. Por isso disse ele mais tarde em O Paiz: "O centro espírita, com sede na velha sociedade Fraternidade, tendo por bandeira Deus, Cristo e Caridade, auxiliará o desenvolvimento intelectual, criando um estabelecimento de Humanidade, onde o ensino seja gratuito à mocidade, mantendo o Reformador e dando à luz uma Revista de estudos práticos da doutrina, sob o ponto de vista científico; fazendo conferências públicas, ao alcance de todas as classes. Auxiliará o desenvolvimento moral, pedindo o concurso de todos para obras de beneficência; organizando regularmente, de conformidade com as leis da doutrina, os grupos existentes e os novos, que forem precisos, para acudirem-se os Espíritos sofredores, adquirir-se o conhecimento, em espírito e verdade, do Evangelho e fazerem-se experimentações científicas sobre princípios e fatos espíritas. Podem, pois, todos os espíritas do Brasil, que quiserem dar força a esta organização, recomendada pelo Mestre, dirigir-se ao centro espírita "Fraternidade", provisoriamente à rua São José 44, 2º andar". (Os grifos são nossos.)

Mas assim não pensavam os kardecistas intransigentes. A idéia de meter entre eles, na Fraternidade, os "científicos" era como abrir o redil de ovelhas aos lobos. O primeiro a divergir foi o médium Frederico Junior, por quem haviam baixado as "Instruções" e considerado o porta-bandeira de Ismael. Sayão e Bittencourt Sampaio apressaram-se em abrir-lhe a porta do seu grupo. Após Frederico, tal como enxame atrás da mestra, abandonaram a Fraternidade os "místicos": Pedro Richard, Zeferino Campos, Domingos Filgueira, Manoel Seve, José Ramos, Matos Cid, Tiago Bevilaqua, Albano do Couto. Desta forma a bandeira Deus, Cristo e Caridade, com o estado maior rustanista foi, em 1890, bivacar no Grupo Ismael. Então Bezerra de Menezes abandonou a Fraternidade e foi também para o Ismael.

Em outubro, rebentou a bomba do Novo Código Penal. Em peso, a

família espírita, "místicos" e "científicos", kardecistas e rustanistas, sentiu nisso uma agressão. No primeiro instante, mesmo os mais ilustres e versados em direito interpretaram mal o texto penal. A Federação rompeu o debate, tomando dianteira que lhe ia valer de muito, com uma "Carta Aberta" ao Ministro da Justiça. A União trouxe-lhe apoio. O Centro, além de apoio, também enviou uma "Representação" ao Generalíssimo Chefe do Governo Provisório. Por toda a parte parecia mais fácil agora a união para a defesa comum.. A grito coletiva foi tão grande, que o autor do Novo Código Penal, o ilustre criminalista Dr. Antonio Batista Pereira, teve que vir, em folhetim do Jornal do Comércio, de janeiro de 1891, rebater os errôneos argumentos dos espíritas, o que fez em certos pontos com acrimônia, não só irritado pelos ataques à sua competência jurídica e à sua ilustração filosófica, mas pela injustiça da polêmica. O que entrara para o Código Penal não era o Espiritismo filosófico, religioso, moral, educativo; era o chamado baixo Espiritismo. Não podia deixar de prevalecer o ponto de vista superior deste criminalista e, diante do irremediável, os espíritas recorreram à Constituinte.

A situação exigia, porém, maior homogeneidade entre eles. Era uma hora de perigo para todos. Por que tamanha desunião? Tudo parecia indicar que a Polícia não iria interpretar o Novo Código como imaginava o autor. De que maneira poderia distinguir o uso do abuso? Leiga, como poderia perceber na prescrição homeopática, nos passes mediúnicos, o que era do homem, o que era do Espírito? Urgia uma providência defensiva. Qual? A união. Onde?

Elias da Silva, na sessão comemorativa do 7º aniversário da Federação, em 2 de janeiro de 1891, indicou-a. Depois de historiar o septênio de triunfos e vicissitudes da sociedade que fundara, mostrou a gravidade da hora, e concitou a família espírita a cerrar fileira em torno da entidade incontestavelmente mais prestigiosa, que era a Federação. "Pela publicação não interrompida do Reformador; pela permuta que mantém com grande número de publicações que constituem a imprensa espírita de todas as partes do globo; pelas conferências públicas realizadas por muito tempo nesta cidade; pela sua biblioteca francamente aberta aos leitores espíritas ou não; por várias publicações gratuitamente distribuídas em avulsos; pelo auspicioso influxo prestado a diversas associações criadas

no seu seio, no número das quais estava a Assistência aos Necessitados", pelas relações que mantinha com as sociedades estrangeiras, a Federação era uma sociedade digna do apoio de todos. Portanto, "que mesmo os grupos denominados familiares" deixassem o erro do isolamento e se concentrassem em torno dela, a fim de se ter contra os inimigos da doutrina um comando único. Todos pela Federação e este por todos. "Todos se unam à Federação por um laço, que lhe dê a posição definida, que resulta do seu nome" (32).

(32) Reformador, 1891.

O apelo deu resultado. Em 4 de janeiro entrava na Federação um ofício da Sociedade Espírita Fraternidade, nestes termos: "Aceitando amplamente a grandiosa idéia da federação de todos os grupos espíritas no Rio de Janeiro, a "Sociedade Espírita Fraternidade", a mais antiga de todas as existentes, aproveita a oportunidade, que se lhe depara, e vem agremiar-se à "Federação" que hoje, pela imposição dos fatos, é e representa o verdadeiro Centro Espírita do Brasil. Unindo-se materialmente, embora sempre conservando sua independência e autonomia, dá o primeiro passo para essa grande união e fraternidade tão recomendada e tão necessária para nós hoje, máxime quando a experiência e a prática nos têm levado a tantas desilusões. Já é tempo, com efeito, de abandonarmos as quimeras e os desvios por onde falsos profetas, encarnados e desencarnados, nos têm dirigido; e, convictos como devemos estar de que só a união faz a força e que só pela fraternidade podemos obter mais e melhor, UNAMO-NOS DE UMA VEZ, para que a luz de um supra a de outro, para que ao menos possamos sair do a, b, c. Se o Centro não pôde fazer o que tanto aconselhou o Mestre pela "Fraternidade", faça-o a "Federação", para onde convergem todas as esperanças e que, mantendo-se firme pela perseverança e pelo trabalho, sustenta, além disso, um órgão que, devendo ser auxiliado por todos, está no caso de difundir e propagar a luz. São esses os sentimentos da "Sociedade Espírita Fraternidade", que por meu intermédio vos saúda e vos concita ao avante, desejando também que pelo "Reformador" se saiba que a mesma funciona, desde 2 do corrente, na sala da Federação, fazendo as suas sessões aos sábados, às 7 e meia da noite. Paz e amor. JOÃO KAHL, vice-presidente" (33).

(33) *Idem.*

Seguindo o exemplo da "Fraternidade", aderiram outros grupos: "São Francisco de Paula", "Santo Antonio de Pádua", "São Manoel", "Anjos da Guarda", "São Sebastião", "Filhos de Maria", "São Roque", etc., passando alguns com bagagem para a "Federação", em cuja sede entraram a funcionar, permanecendo outros em domicílios próprios, todos, porém, desejosos de formar um só bloco espírita no Rio de Janeiro.

O Advento da República

Mas a hora era de ensinamentos, provações e humilhações. O Anjo Vermelho, que vinha batizar a República com o sangue dos marcados por Deus, já se fazia sentir. A arbitrariedade policial sob um regime de sítio, sob um silêncio impressionante, sob um pavor geral corria os morros, invadia as reuniões, penetrava casas de família, a buscar conspiradores. O pânico estabeleceu-se nas hostes espiríticas. Os "científicos", que se reuniam mais pelo espetáculo, fecharam as tendas. Os "místicos" continuaram a trabalhar mas escondidos como os primeiros cristãos. O Reformador aparecia com atraso, sem ousar ataques e teve que interromper, pela primeira vez, a publicação, em fins de 1891.

Os quatro inimigos do Espiritismo cantavam hinos de triunfo por todas as quebradas. O positivismo, arvorado em mentor da República, ditava leis e reformas sociais de valor. O materialismo, liberto o Estado da tutela da Igreja católica, embandeirara-se em arco pelas escolas, pelas academias, pelos tribunais, pelas repartições, pelas prefeituras, pelos hospitais, pelas sociedades científicas, pelos grêmios benemerentes, banindo de toda a parte à vassoura os vestígios de nossa velha civilização católica, até mesmo o símbolo do Crucificado. O racionalismo campeava no Congresso, na Imprensa, no Exército vitorioso, no Governo e no meio da rua. O clero, se não estava contente com a situação, acendia contudo velas por ver que ao menos um dos seus adversários, o que era preciso "odiar por dever de consciência", já estava metido no Código Penal.

Mas para suavizar tantas vicissitudes, veio de Nápoles a notícia de que César Lombroso, Tamborini, Chiaia, Ascendi, Viziali... diante dos trabalhos de Eusapia Paladino, proclamavam a existência da Metapsíquica. No Brasil, principiou então um movimento metapsíquico. O Espiritismo, nas rodas cultas, não era mais cuidado como filosofia ou religião, mas como ciência. O professor Erico Coelho, da Faculdade de Medicina, o professor Alexander, do Colégio Pedro II, o Dr. Wladimir Mota e outros homens de posição e cultura deram início às experiências.

O ano de 1892 entrou assim. A própria Federação, que ora pendia para o kardecismo, ora para o Espiritismo científico, resolveu definir-se por

este último. A Fraternidade não se reuniu mais por falta de número. A Acadêmica se resumia em alguns caixões guardados num armazém. Não se falava mais do Centro. A União era apenas um título.

Bezerra de Menezes, que no curto espaço de ano e meio perdera três filhos, recolheu-se, não saindo senão para o Ismael. A República de um lado e a desambição das coisas materiais do outro levaram-no à pobreza e ao isolamento. Mantinha a secção dominical de O Paiz, escrevia artigos para o Reformador e dava a lume o interessante romance, de enredo em São Paulo, "Lázaro, o Leproso", mas não aparecia em público.

O ano terrível foi 1893. A Federação renegou abertamente o kardecismo. Para ela, o Espiritismo era uma ciência. Caíra, enfim, nas mãos dos "científicos". A Fraternidade, sua aliada, também se tornou "científica". Chegara a hora do professor T. Nas suas mãos hábeis estavam todos: Federação, União, Academia, Fraternidade e mais de vinte grupos filiados. Transformou a Fraternidade em Sociedade Psicológica Fraternidade, para a distinguir bem daquela que outrora pertencera aos "místicos". Todas as vozes kardecistas cessaram. O Anjo Vermelho entrou a dominar. Em setembro, nem Reformador, nem qualquer sociedade. Tudo fechado. Tudo mudo. Só Max, o incansável, escrevia. Foi à derradeira pena. Só em 25 de dezembro encerrou os "Estudos Filosóficos", em O Paiz, escrevendo tocante homenagem a Jesus.

E assim findou o quarto período.

Desde o começo de 1894, três homens se haviam reunido para restaurar a Federação e reeditar o Reformador: Elias da Silva e Fernandes Figueira, fundadores, e Alfredo Pereira, o incansável e abnegado amigo da sociedade e do jornal. Restaurar somente? Dez anos de luta não encerravam ensinamentos aproveitáveis, num momento em que tudo se ia fazer de novo?

Segundo a crônica, entraram os três a "angariar meios materiais para a sustentação e ampliação do programa" e a recrutar velhos e novos elementos para uma fase nova. Para isso lançaram o Reformador, com a ante-data de 1º de janeiro, e esboçaram um ambiente social, dentro do qual esperavam conseguir a desejada união da família espírita. Esse ambiente consistia num "meio termo" entre os "científicos" e os "místicos", ligados pela "tolerância", tendo por objetivo uma

"fraternidade-força". Era, sem dúvida, uma ampliação do programa, que foi de início e durante o decênio 1883-93 preponderantemente "científico".

A presidência foi confiada a Dias da Cruz, espiritista puro, isto é, nem "científico" nem "místico". O novo rumo foi traçado no editorial intitulado "Sectarismo", que precisamos conhecer neste trecho: "O espírita está, pois, em seu verdadeiro posto quando se coloca entre o homem de ciência e o homem de fé, não possuindo as credences de um, nem por igual às negações de outro. Não nos desviemos de nosso lugar. Postos entre a fé e a razão, evitemos os exageros do sectarismo, pois que ele é o verdadeiro inimigo". Este grifo é nosso e feito para salientar que, no programa "meio termo", deviam ser considerados inimigos do Espiritismo puro os "científicos" (psiquistas, ocultistas e kardecistas) e os "místicos" (rustanistas, swedemborgistas, teosofistas). Entre esses dois grupos sectários é que devia ficar o espírita puro. Erguida esta nova bandeira, o Reformador começou a convocar gente para o trabalho "por cessados os motivos do pânico" que a haviam emudecido e dispersado nos meses vermelhos de 93 e, numa sexta-feira de maio, o salão da rua da Alfândega, 342, reabriu-se para a nova fase, com afluência animadora.

O trabalho fundamental da Federação era a propaganda do Espiritismo e o seu desideratum era o proselitismo. A aspiração dos seus diretores era aumentar quantitativamente o seu quadro social, o seu auditório, o número de seus leitores. Para estas finalidades usavam-se três instrumentos: o Reformador, que levava os resultados de experiências e elocubrações estrangeiras, com pouquíssima colaboração nacional; a reunião de sexta-feira, em que uma tese era posta em debate, usando da palavra quem quisesse externar seu ponto de vista, e a Assistência aos Necessitados, que socorria os pobres à moda vicentina.

O Reformador tratava "indiferentemente", como era necessário num programa meio termo, de psiquismo, ocultismo, kardecismo, rustanismo, swedemborgismo, iluminismo, teosofismo, não se esquecendo, porém, de atacar quando e quanto podia o protestantismo e o catolicismo. A Federação abolira o ensino hebdomadário de "O Livro dos Espíritos", que Bezerra de Menezes havia instituído para o povo em 1889, voltando ao sistema primitivo, que o Presidente Quadros inaugurara e os sucessores

adotaram até 1888: discussão de teses espíritas. Mas, enquanto assim agiam a Federação e o Reformador, ia a Assistência, no silêncio e na penumbra, atendendo a mais de cem famílias pobres e dispensando a uma clientela avulsa e crescente o esforço diário de um grupo de homeopatas crentes e generosos.

Este aspecto filantrópico da Assistência, que não tinha personalidade jurídica e vivia sob o mesmo teto da Federação, em prestava a esta enorme prestígio moral. O povo não sabia nem podia distinguir o que era propriamente desta — a propaganda acadêmica de sexta-feira e a literatura do Reformador — do que era particular e exclusivamente daquela: a caridade vicentina dos homens e dos Espíritos. E como é mais humano procurar quem nos console e nos ensine pelo sentimento, a quem nos force a pensar, a especular ou, numa só frase, aprender pelo raciocínio, o movimento da Assistência contrastava cada vez mais com a freqüência diminuta das sessões de sexta-feira e com a procura exígua do Reformador. Nos dias de gala e de conferência anunciada, a Federação reunia um máximo de trinta ouvintes. Nas edições magnas, como a de 3 de outubro, o Reformador tirava dobrado duzentos exemplares para distribuição gratuita. Mas todos os dias úteis, fizesse sol ou chovesse, um sem número de pessoas num vai-e-vem contínuo dava à Assistência o testemunho de sua utilidade. Desta forma, a flor de sombra, que não tinha tribuna de proselitismo nem personalidade jurídica, começou a ofuscar pelo perfume e pelo mel a flor de retórica, que possuía um nome pomposo e um jornal com justas pretensões de primeiro.

Os responsáveis pelos destinos da Federação — Elias, Figueira, Arnaldo Pereira, Dias da Cruz, Carlos Cirne e alguns outros — perceberam o valor político da Assistência e cuidaram de tirar da sua providencial simbiose com a Federação todo o proveito possível.

A situação era esta: o fator primordial de prosperidade da Federação residia na Assistência; este instituto, ainda que sem personalidade jurídica, era autônomo e podia pelo seu desenvolvimento adquiri-la; era imprescindível, portanto, estabelecer entre ela e a Federação uma aliança indissolúvel. Esse trabalho estaria reservado à diretoria vindoura.

Dias da Cruz foi talvez o primeiro a compreender que precisava ceder a presidência a quem pudesse, de maneira insofismável e sob todos os

pontos de vista, prestigiar ativamente a Assistência. Os freqüentadores desta queriam, com toda razão, a homeopatia dos médiuns e não a homeopatia dos médicos e ele só conhecia e praticava a dos médicos e não lhe permitia o caráter diamantino qualquer transigência nesse terreno: a César o que é de César. O futuro presidente da Federação deveria ser um homem que não estivesse prejudicado pela profissão para o exercício do curandeirismo mediúnico, que já principiava a ser uma das forças da Assistência e teria de ser pouco tempo depois, sob a regência de Pedro Richard, a sua maior potência.

Além da aliança entre a Federação e a Assistência, que seria uma tarefa doméstica, intra-muros, cumpria ainda à próxima diretoria iniciar uma campanha eficiente de aproximação de todos os espíritas. Pareceu então de boa política transfundir no aparelho diretor uma razoável porção de sangue novo, ainda não infectado por sectarismos.

Era essa a perspectiva de 1895.

* * *

O doutor e professor Júlio César Leal pareceu o candidato mais conveniente para a presidência. Diplomado em direito, professor de humanidades, sabedor de Espiritismo, polemista vigoroso (como provam os artigos enfeixados, em 1896, no livro "Padre, Médico e Juiz"), era ainda um sincero adepto da homeopatia mediúnica e fazia parte da Assistência. Vinha até pretendendo com Coelho Barbosa (também da Assistência e dono do laboratório que ainda tem seu nome) introduzir no receituário dos médiuns o então "novo" sistema "electro-homeopático" do conde Mattei, complexista italiano que propunha o uso de certos específicos feitos com medicamentos homeopáticos misturados, em vez do sistema clássico de Hahnemann que, por muito difícil, quase nunca era praticado, e só admite *unitas remedii et doses minimae*.

Leopoldo Cirne

Entre os novos recrutas de 1894 mais papáveis para rejuvenescer a diretoria havia três, que se destacaram rejuvenescer desde a entrada: Antonio Alves da Fonseca, Leopoldo Cirne e João Lourenço de Souza. Eram três pedras preciosas de cor diferente.

No plano que se traçou de moldurar o vulto de Bezerra de Menezes, o cronista vem sentindo a cada passo a necessidade de fazer ressaltar do fundo do quadro as personagens que mais animaram o ambiente e mais concorreram para o desempenho da missão do biografado. Cumpre-lhe, porém, relatar apenas os feitos que se relacionem com a vida de Bezerra de Menezes, deixando de lado tudo quanto, ainda que interessante, seja estranho ao tema histórico em desenvolvimento. Mas nesta altura abre por exceção um espaço à margem da biografia para não deixar passar em silêncio um ensinamento, que a vocação destes três homens, ainda vivos, exemplifica de uma sorte especial. De tal ensinamento há uma lei moral a recolher e que será de algum proveito para os propagandistas dos tempos presentes.

Convidado por José Seabra Monteiro, foi Antonio Alves da Fonseca uma noite à Federação ver o que era o Espiritismo. A palavra erudita e eloqüente de Dias da Cruz, a prece "Cáritas" recitada com unção religiosa pelo propagandista Carlos Joaquim de Lima e Cirne, o recolhimento do auditório impressionaram a sua imaginação religiosa mas deixaram de ferir a sua conversão. E quando viu correr pelos assistentes, como nos templos protestantes, uma sacola em busca de cobres e níqueis, o ambiente se lhe tornou desfavorável, pensando estar entre espertos e crédulos. Não voltaria mais ali se não verificasse, depois, que também naquela casa existia, quase oculta, de acordo com o mandamento de Jesus, a Assistência aos Necessitados. Logo que a percebeu, converteu-se. O seu ponto fraco era a caridade. E pondo de lado como coisa secundária a retórica de sexta-feira e o palavrório do Reformador, tornou-se prestimoso elemento da Assistência, agindo ali com tal perícia cristã que muitos beneficiados ignoraram longo tempo e alguns jamais vieram a saber a verdadeira origem de certas espórtulas oportunas, que lhes chegavam em

nome da Assistência. Compreendendo a necessidade vicentina de pedir esmolas para esmolar aos necessitados, combateu a sacola durante a sessão e pregou a cooperação por outros meios menos antipáticos. Assim, convertido pela caridade e não pela ciência nem pela filosofia, tornou-se modelo de espírita-cristão, que pode ser imitado e igualado mas jamais excedido nas mesmas circunstâncias e contingências em que tem levado a sua vida exemplar. A fé, o desassombro da opinião, o desinteresse da atitude não lhe suplantam a prática de ações bondosas, que atestam a origem do seu convertimento. É, e será até o fim de sua passagem pela Terra, um dos mais lindos ornamentos morais da Federação, à qual deu o seu mais eficiente concurso... por causa da Assistência.

João Lourenço de Souza veio para o Espiritismo atraído pelo maravilhoso e pelo oculto, que lhe feriam a prodigiosa imaginação. Inteligente, ativo, com grande senso prático das coisas, viu no Espiritismo uma face que até aquele momento estava sendo desprezada. A propaganda não se podia fazer sem dinheiro e este podia ser tirado diretamente do Espiritismo, como se fazia na França. O lado utilitário do Espiritismo era e é o mais perigoso, o que mais tem queimado gente no facho da propaganda. É indispensável o máximo cuidado ao manejá-lo, pois o zinabre é um narcótico para o Espírito, tal como o timbó para o peixe. A Federação, porém, precisava de recursos materiais para viver. Souza organizou-lhe o comércio, estabeleceu-lhe a Livraria, editou-lhe as obras basilares, fez-lhe traduções, obteve-lhe direitos autorais e outros favores, criando-lhe em poucos anos uma fonte de renda honesta. Ninguém pode contestar o valor de seu concurso e esconder a dívida da Federação para com João Lourenço de Souza. Mas quando o operoso diretor se viu contrariado nos seus planos comerciais, deixou a sociedade para não mais voltar. Qual a causa fundamental da sua saída? A Assistência. Os lucros da Livraria não iam para o fundo de reserva que ele imaginava para o êxito mercantil da Federação; iam para os necessitados... Ele tinha razão do ponto de vista em que se cola cara. Mas a Assistência gritava mais alto e venceu.

Leopoldo Cirne foi seduzido pela filosofia. Alfredo Pereira o levou a uma sessão de sexta-feira. Nada sabia Cirne de Espiritismo e era materialista. Discutia-se naquela noite de 1894 a tese: "Como conciliar o

livre arbítrio com o determinismo da prova". Terminada a sessão, em vez de transmitir sua impressão primeira sobre o meio, como em geral se faz, Cirne entrou a discutir com Alfredo Pereira a tese do dia como se fora um veterano. Grande psicólogo, Alfredo percebeu a espontânea conversão do materialista e seu grande talento. Deu-lhe um "O Livro dos Espíritos" e pediu-lhe que usasse da palavra na próxima sexta-feira, em que voltaria a debate o mesmo assunto. Cirne fora tocado em seu ponto fraco: a filosofia. As forças latentes de seu formoso Espírito despertaram para a missão, como raios do sol de meio dia, renascido da nuvem. Não conseguiu ler em "O Livro dos Espíritos", mais do que a Introdução, essa obra prima de Kardec. Pôs de lado o Livro, como se encerrasse um assunto sabido. Era "espírita de nascença", como Bezerra de Menezes. E quando Dias da Cruz na sessão seguinte botou em discussão a tese, foi com desconfiança e curiosidade geral que aquele novato de olhos azuis, queixo saliente sobre colarinho alto, bonito e elegante, pediu a palavra, tirou do bolso umas tiras de papel e falou.

O presidente sussurrou ao ouvido de Alfredo Pereira:

— Quem é esse moço?

— Um amigo de Pernambuco, que me veio recomendado pelo Teodoreto Duarte.

— Agarra-o para nós; precisamos dele.

— Já está seguro! Vai ajudar-me no Reformador.

E assim foi. Durante vinte anos o Reformador teve nele uma pena de mestre. O melhor de sua vida: toda a sua mocidade foi sacrificada à propaganda oral e escrita da filosofia que o empolgara desde o primeiro instante. Ninguém o excedeu em sacrifício de tempo, de saúde, de renúncia aos prazeres mundanos em holocausto à Doutrina. Mas, quando veio a luta entre a Assistência, que Pedro Richard comandava, e a Federação, que Cirne dirigia, luta cujo desfecho encerrou, em 1914, o sexto período da história do Espiritismo no Brasil, quiseram os desígnios de Deus que a Assistência triunfasse e submetesse a Federação ao seu jugo. Cirne saiu com o pesar de todos e dele próprio para ficar fora daquele tabernáculo, onde todos, sem exceção, sem absolutamente exceção alguma, desejariam vê-lo ativo e útil até o derradeiro dia de vida.

Não cabe aqui apreciar a causa teológica do acontecimento. Quem se

interessar por ela deve procurá-la nos livros de Cirne, sobretudo no Anticristo. O que nos interessa é a lição dos fatos. Dissemos que uma lei moral podia ser retirada da vocação desses três neófitos de 94. A lição é esta: Os que sustentaram a Federação por causa da Assistência permaneceram em ambas até o fim. A lei talvez seja esta: Os que defendem o Espiritismo, não pelo que encerra de científico, filosófico, religioso ou utilitário, mas pela caridade que ele pode praticar, esses ficarão fiéis até o fim. E serão salvos...

Possam deste exemplo tirar corolários quantos pretendam organizar sociedades espíritas duráveis.

Júlio César Leal

Voltemos a 1895. Júlio Leal, na presidência, Dias da Cruz, na vice-presidência, e Alfredo Pereira, na tesouraria, representavam os veteranos. Leopoldo Cirne e João Lourenço de Souza, 1º e 2º secretários respectivamente, os novos. Antonio Alves da Fonseca incorporou-se à Assistência, que ainda não tinha representante na diretoria.

A plataforma presidencial consistiu numa conferência intitulada: "A unidade de Deus e a divindade de Jesus", em que Júlio Leal definiu uma orientação diversa da estabelecida por Dias da Cruz no ano anterior. Em vez de permanecer no meio termo, num terreno de Espiritismo puro, descambou com todo entusiasmo para o kardecismo, dando assim apoio aos "científicos" e afastando todos os "místicos". Não era possível esconder o perigo de uma próxima luta, que a diretoria passada se empenhara em evitar. O Reformador, nas mãos de Cirne e Arnaldo Pereira, abriu rumo oposto com uma série de artigos intitulados "Nossa Missão", inclinando-se para os "místicos". As duas atitudes eram no fundo e na forma antagônicas e coincidiam apenas num ponto, pacífico em todas as administrações: tornar a Federação o fulcro do movimento espírita. Esta concordância, porém, não obstava à luta intestina. A falta de harmonia na direção dividiu a sociedade em dois grupos, tal como sucedeu no Confúcius, na Deus, Cristo e Caridade, na Fraternidade, na União, no Centro, etc. Sendo radical a divergência, cada grupo pretendendo vir a ser a célula mater do Espiritismo brasileiro, a separação interior tinha que atingir o exterior. O grupo dos "científicos" encabeçado pelo professor abandonou a Federação e a Assistência e foi para a rua Visconde do Rio Branco nº 67 instalar, em fase nova (naquele tempo tudo se refazia da dispersão de 93), o Centro da União Espírita de Propaganda do Brasil, que seria composto de representantes de todas as sociedades, segundo o plano fracassado de Bezerra de Menezes, e teria uma caixa de propaganda em vez de uma assistência a necessitados. A inauguração se deu solenemente em 24 de maio de 1895, com sala enfeitada, discursos, banda de música e... coleta de dinheiro. (Ficou assentado desde logo que a receita seria contada à vista dos doadores e levada à caderneta nº 118.383

da Caixa Econômica, para ser movimentada à medida das necessidades da propaganda.)

Júlio César Leal, solidário com o professor T, e sem perceber talvez o alcance moral de seu ato, aprovou a dissidência e nomeou Manoel Joaquim Moreira Maximino representante da Federação junto ao Centro. Tomou, portanto, uma posição de esquerda, incompatibilizando-se com os diretores "místicos" e tornando-se um elemento perigoso para a finalidade da Federação, cujo programa ia ser executado pelo Centro.

A nova agremiação dos científicos principiou a funcionar ruidosamente. Aos domingos, suas sessões tinham números musicais, literários e outras amenidades, numa preocupação de mundanizar o Espiritismo, tirando-lhe o caráter reverencial e religioso que lhe dava, em contraste, a reunião espírita dos "místicos". Júlio Leal emprestava-lhe o concurso de sua presença e de sua palavra, relaxando os trabalhos da Federação, onde quase não aparecia. Em julho a crise chegou ao seu ponto agudo. Dias da Cruz tentou fazer a volta ao programa de meio termo, em que depositava confiança e soltou o primeiro foguete, num artigo epigrafado "Tolerância e Bondade", que refletia um pensamento nobre e conciliador: "Uma das virtudes que devem constituir o fundo do caráter de um espírita e que o devem distinguir dos religionários de outra qualquer doutrina é sem contestação a tolerância, porque o Espiritismo é uma tenda a cujo abrigo se podem acolher todos os que, no recesso de sua alma, aninham um sentimento de religião, quaisquer que sejam as formas de que seu culto externo se revista".

Examinadas as peças dessa época e buscando debaixo da letra o espírito, não é possível negar à corrente "tolerante", à testa da qual estava Dias da Cruz, um raro bom senso. Estamos bem distantes e falando sem qualquer paixão e quem se puser na mesma neutralidade verá que o trecho transcrito encerra uma verdade para fora e uma verdade para dentro. Para fora, quando parece falar a gentios; para dentro, quando se aplica aos próprios espíritas. O Espiritismo, diz o articulista, é uma tenda a cujo abrigo se podem acolher todos, qualquer que seja o seu ponto de vista em

matéria de fé. Sim, tomando-se o Espiritismo em sua pureza, tal como nasceu e serviu de base a "O Livro dos Espíritos". Recalcada a fé religiosa ao fundo da consciência de cada um, onde deve permanecer respeitada e viva, todos poderão associar-se em torno dos princípios fundamentais do Espiritismo puro, estabelecendo uma fraternidade inteligente e política. Dizemos Espiritismo puro, repetimos, para o distinguir do kardecismo, Rustanismo, Antonismo, Swdemborgismo, Oxonismo, e outras seitas formadas depois de "O Livro dos Espíritos" e à custa de seus princípios fundamentais. Dentro dele todas as seitas poderão viver, e estão vivendo, irmanadas, pois o Espiritismo puro não tem preferência por nenhuma. Sob seu pálio podem ficar não somente as seitas nascidas dele próprio, como todas as religiões deístas e animistas do mundo, que se contam para mais de 2.000. Só o Espiritismo puro, que considera todas as crenças como simples bandeiras de tribos, goza desse espírito universal de tolerância.

Ora, estavam os federacionistas e os centristas em condições de se tolerarem mutuamente? Não, porque eram com raras exceções sectaristas rubros e assim iguais a todos os "religionários", que primam sempre pela intolerância. Sejam um pouco mais explícitos neste ponto, ainda que fora de nosso tema principal, pois vimos à diferenciação entre Espiritismo e Kardecismo aceita por muitos mas repelida in limine por alguns, e nosso maior desejo é ser compreendido por todos. Sem a noção clara dessa diferença perderia todo o sentido esta crônica, e a história da luta em que Bezerra de Menezes encontrou a glória seria apenas uma fantasia.

Denominamos com Allan Kardec (*) doutrina espírita a que "O Livro dos Espíritos" contém, e chamamos Kardecismo a doutrina que não se encontra no referido livro e sim nas diversas obras que Allan Kardec escreveu Segundo o Espiritismo, isto é, segundo outra doutrina, que ele mesmo denominou espírita.

() Notada Editora: A Doutrina Espírita não consiste apenas no que está contido em "O Livro dos Espíritos", mas é formada pelas cinco obras básicas que constituem a Codificação Kardequiana: "O Livro dos Espíritos", "O Livro dos Médiuns", "O Evangelho Segundo o Espiritismo", "O Céu e o Inferno" e "A Gênese", além de outras obras subsidiárias. Espiritismo e Doutrina Espírita são sinônimos, devendo-se evitar a denominação Kardecismo, pois o vocábulo Espiritismo foi criado pelo próprio Allan Kardec para denominar a Doutrina por ele codificada.*

O Espiritismo tem princípios fundamentais, que servem a muitas religiões. Adaptando esses princípios à moral de Jesus e explicando uma parte da doutrina cristã à luz do Espiritismo, Kardec criou uma nova interpretação do Cristianismo. Assim, Kardecismo é o espiritismo cristão, ou Cristianismo espírita. É uma aliança de princípios espíritas com princípios cristãos.

No Kardecismo todos são "irmãos em Jesus". O kardecista diz: quem não é por Jesus é contra Jesus. Portanto, o espírita que toma para Mestre a Buda, por exemplo, não é kardecista, não é "irmão em Jesus". Mas é espírita desde que aceite os princípios fundamentais da Doutrina Espírita.

A fé cristã é uma fé particular e não é a única no mundo. Já dissemos, há mais de duas mil que não são cristãs. Sendo a fé cristã a única tolerável no Kardecismo, segue-se que todas as demais lhe estão de fora. No entanto, podem ficar dentro do Espiritismo.

No Kardecismo a tolerância só existe para os que possuam a mesma fé cristã. Acontece no Rustanismo o mesmo com agravantes. Neste a intolerância ainda é maior, pois não lhe bastam as credenciais kardecistas, isto é, não basta para ser rustanista acreditar no Espiritismo e no Cristianismo. É imprescindível crer também em certos dogmas, como, por exemplo, a virgindade de Maria, a concepção imaculada, a natureza extra-humana da carne de Jesus, a divindade do Cristo, etc. Para o Kardecista, Jesus é um chefe espiritual, a quem coube a segunda revelação, tal como Moisés, a quem Deus confiou a primeira. Para o rustanista "é a maior essência espiritual depois de Deus". Muitos não querem "ver" diferença entre Kardecismo e Rustanismo, entre Kardecismo e Espiritismo. São geralmente os que não são nem kardecistas nem rustanistas, nem espíritas, mas crédulos.

"O Livro dos Espíritos" está para o Espiritismo, o Kardecismo, o Rustanismo, o Antonismo, etc., como a Bíblia está para o Judaísmo, o Cristianismo, o Islamismo, e outras seitas que se fundam no Velho Testamento. Na Bíblia está a Palavra de Eloim, de Jeová, de Adonai, que foi interpretada de modos diferentes pelos judeus, pelos cristãos e pelos islamitas. Em "O Livro dos Espíritos" está a Palavra de diversos Espíritos, que podem ser interpretada também pelos judeus, pelos cristãos e pelos islamitas. Cada interpretação terá um nome e constituirá uma seita,

reunindo adeptos pela propaganda, que não pode ser senão combatente e, portanto, intolerante.

Dada a divergência profunda entre os "científicos" e os "místicos" consumou-se a crise em meado de julho. Júlio Leal renunciou à presidência e foi para o Centro. Dias da Cruz, alegando a sua incompatibilidade com a Assistência e com qualquer programa sectário, não quis o cargo que lhe competia, preferindo recolher-se a voluntário ostracismo. Dos veteranos ficou só Alfredo Pereira na diretoria.

Chegara a oportunidade dos "místicos". Para fazer triunfar definitivamente este partido na Federação e varrer daí todos os opositores de Ismael bastava, em primeiro lugar, encontrar um presidente místico e, logo em seguida, lançar um plano de organização, que anulasse o do Centro.

O presidente com as qualidades necessárias não podia ser procurado fora do Grupo Ismael, o viveiro dos místicos. A organização tinha que ser preparada desde logo pelo Reformador.

Alfredo Pereira não perdeu tempo. Levou a Dias da Cruz, Elias da Silva e Fernandes Figueira a candidatura de Bezerra de Menezes. Inclinaram-se. Era um nome respeitável e um valor indiscutível. Sábio, bondoso, diligente, humilde, possuía ainda a seu favor a velhice, que o cobria de veneração. Foram juntos convidá-lo.

A presidência era naquele momento um verdadeiro presente de gregos. Bezerra de Menezes desculpou-se, por isso, como pôde. Estava cansado e cheio de obrigações espíritas. Insistiram. Não era um convite, era um apelo. Bezerra salientou então a dificuldade, senão impossibilidade, de acomodar místicos e científicos. Além disso, só compreendia o Espiritismo como complemento do Cristianismo, e era rustanista. Replicaram que todos confiavam no seu espírito de Tolerância e conciliação. Estavam certos de que faria o possível para harmonizar a família espírita dentro dos princípios fundamentais. Entretanto, agiria com plena liberdade e carta branca. Teria poderes discricionários. Faria o que quisesse e até, para ficar inteiramente à vontade, nenhum dos quatro aceitaria qualquer cargo administrativo, continuando embora todos seus amigos e companheiros.

Diante de tamanho cerco, pediu um prazo para responder ao convite,

precisando primeiro ouvir o seu guia espiritual.

E, com esse intuito, rumou para o Grupo Ismael.

* * *

Contou-nos Pedro Richard que, quando findou a prece inicial feita por Bittencourt Sampaio, todos notaram que Bezerra de Menezes tinha as cãs abundantemente orvalhadas de lágrimas, que lhe desciam ainda dos olhos. Conservou-se comovido durante o recebimento das mensagens psicográficas e foi com voz trêmula que, falando sobre a lição do dia (Parábola da vinha e dos obreiros da primeira e última hora), disse a certa altura o motivo de sua emoção:

— Querem que eu volte para a Federação. Como vocês sabem, aquela velha sociedade está sem presidente e desorientada. Em vez de trabalhos metódicos sobre o Espiritismo ou sob o Evangelho, vive a discutir teses bizantinas e a alimentar o escrito de hegemonia. São poucos os seus sócios e pouquíssimos os assinantes do Reformador. Por maiores que hajam sido os esforços de alguns nada se tem conseguido no terreno duma harmonia de vistas. Não me sinto, por isso, com forças para a colocar na posição que merece.

— O trabalhador da vinha — disse Bittencourt — é sempre amparado. A Federação pode estar errada na sua propaganda doutrinária, mas possui uma Assistência aos Necessitados, que basta por si só para atrair sobre ela as simpatias dos servos do Senhor.

— De acordo. Mas a Assistência está adotando exclusivamente a Homeopatia no tratamento dos enfermos, terapêutica que eu adoro em meu tratamento pessoal, no de minha família e recomendo aos meus amigos, sem ser, entretanto, médico homeopata. Isto aliás me tem criado sérias dificuldades, tornando-me um médico inútil e deslocado que não crê na medicina oficial e aconselha a dos Espíritos, não tendo assim mais o direito de exercer a profissão.

— E por que não te tornas médico homeopata? — disse Bittencourt.

— Não entendo patavina de Homeopatia. Uso a dos Espíritos e não a dos médicos.

Nisto o médium Frederico Junior, incorporando o Espírito Agostinho,

deu um aparte:

— Tanto melhor. Ajudar-te-emos com maior facilidade no tratamento de nossos irmãos.

— Como, bondoso Espírito!? Tu me sugeres viver do Espiritismo?

— Não, por certo! Viverás de tua profissão, dando ao teu cliente o fruto do teu saber humano, para isso estudando Homeopatia como te aconselhou nosso companheiro Bittencourt. Nós te ajudaremos de outro modo: trazendo-te, quando precisares, discípulos de matemática ...

Bezerra compreendeu em que consistiria o auxílio e contou ao Grupo aquele episódio do tempo de estudante, que já narramos. Prometeu aceitar o conselho e estudar e praticar a ciência homeopática. Continuando a falar da Federação disse:

— O convite é insistente e prometi uma resposta para depois de ouvido o conselho de meu querido guia. Pode o bom amigo dizer-me algo a respeito?

— Aceita o convite — respondeu o médium incorporado. — É um chamado. Já te dissemos mais de uma vez que a união dos espíritas e a sua orientação te foram confiadas. Não duvides, nem te preocupes com as dificuldades. Faze o trabalho do homem, sem cuja boa vontade nada podemos. Cumpre o teu dever e cumprimos o nosso.

— Neste caso, aceitarei e espero não me faltem o amparo de Jesus, a proteção de nossos guias, assim como o concurso de todos os companheiros de Grupo.

— Iremos todos contigo! — disse o Espírito.

"Iremos todos contigo"

O leitor talvez não possa compreender sem uma rememoração especial o alcance desta promessa que se compriu: "Iremos todos contigo".

O Grupo Ismael (por extenso Grupo de Estudos Evangélicos do Anjo Ismael), em virtude dos acontecimentos já conhecidos do leitor, tornara-se o herdeiro moral e universal da extinta Fraternidade (por extenso Sociedade Espírita Fraternidade) e detinha exclusivamente a bandeira de Ismael, isto é, do guia espiritual supremo do Espiritismo no Brasil, segundo a tradição jamais desmentida.

Esta bandeira, representada pela trilogia Deus, Cristo e Caridade, como já se sabe, foi erguida pela primeira vez em 1874 no Grupo Confucius, de onde saiu para a Sociedade de Estudos Evangélicos, fundada especialmente para defendê-la. Dada a cisão entre "místicos" e "científicos", a bandeira e o estudo sistemático dos Evangelhos passaram com os "místicos" para a Fraternidade, transformando-se a Sociedade de Estudos Evangélicos em Sociedade Acadêmica, para ficar com os "científicos".

Desta forma, o Grupo Ismael era naquele momento a tenda legítima e única onde, segundo as Instruções do Espírito Kardec, deviam os espíritas cristãos ou Ismaelinos erguer o templo do Cristianismo Espírita. Portanto, aquela promessa categórica, proferida solenemente pelo Espírito Agostinho, guia espiritual de Bezerra de Menezes, principal fundador do Kardecismo em França e um dos mais estimados guias do Grupo Ismael, tinha uma altíssima significação. Anunciava que a falange de Ismael, representada na Terra pelo seu pequeno grupo, mas formada no Espaço de um forte contingente de Espíritos cristófilos, ia com Bezerra de Menezes para a Federação.

Naquela noite memorável de julho de 1895, o que se concluía no Grupo Ismael, à revelia de seus humildes operários, cegos e coxos instrumentos do Invisível, era um tratado espiritual de aliança entre as três mais fortes correntes espirituais que atuavam em nossa terra e cujos pólos eram a Federação, o Grupo Ismael e a Assistência.

Bezerra de Menezes ia ser o delegado desta aliança espiritual, à qual

ficava daquela hora em diante confiada a bandeira Deus, Cristo e Caridade e a tarefa de erguer sobre os três pólos o templo do Cristianismo Espírita no Brasil. Quem ia dirigir a Federação e a Assistência era o Grupo Ismael.

Muitos serão os chamados e poucos os escolhidos. Foi esse um dos temas estudados naquela noite. Bezerra de Menezes, como exemplo vivo da lição evangélica, havia sido chamado pelos homens, mas já era um escolhido dos Espíritos. Com estas credenciais, que jamais outro presidente havia logrado antes (que saibamos), era natural que as correntes invisíveis, hostis ao plano de Ismael, se agitassem, preparando-se para o combate.

O toque a rebate foi dado pelo Reformador. Antecipando-se talvez, porque o general estava escolhido, mas ainda não havia sido nomeado oficialmente pela assembléia, anunciou o combate do editorial de 1º de agosto: "É para lastimar que, tendo-se difundido admiravelmente no Brasil as idéias espíritas de modo a não haver quase ninguém que não as aceite, seja a sua propaganda feita sem ordem nem sistema". Era um aviso ao Centro de Propaganda e uma reprovação ao que havia feito até então o partido dos "científicos" na própria Federação. E depois de criticar "os métodos inconvenientes à falta de unidade de vistas e de orientação", esboçou um plano de luta, como veremos.

O leitor desta crônica viu que a renúncia do presidente Júlio César Leal e a recusa por parte do vice-presidente Dias da Cruz de assumir a direção na forma dos estatutos, provocaram a crise que permitiu aos místicos dominarem a Federação. Viu também que, antes mesmo da posse legal do presidente Bezerra de Menezes, deram eles, pelo Reformador de 1º de agosto de 1895, um sinal de combate sectarista.

Assim foi. Esses apóstolos de Ismael estavam decididos, sob a inspiração de Espíritos cristófilos, a romper de frente com os adversários de seu misticismo. E a conquista inesperada da Federação — a sociedade mais conhecida dentro e fora do país — foi recebida como sinal de que a hora de principiar a luta de hegemonia doutrinária, anunciada havia cinco

anos, tinha chegado. Hora providencial e decisiva, era imprescindível aproveitá-la em todos os minutos, desde os primeiros. Por isso não aguardaram o cumprimento da formalidade estatutária, que se daria em 3 de agosto, data marcada para a eleição de Bezerra de Menezes. Encetaram desde logo a propaganda de suas idéias. Estas não eram mais as idéias espíritas primitivas, como brotavam dos trabalhos de Allan Kardec. Não se radicavam na singeleza do Cristianismo espírita segundo o kardecismo. Vinham de uma concepção particular da finalidade do Espiritismo, no mundo inteiro e particularmente em nosso meio.

A primeira necessidade da arrancada estava satisfeita. A Federação, até aquele momento uma estéril sociedade de livres estudos espíritas, ia ser transformada numa cidadela de espíritas evangélicos, orientados por uma falange mística. As demais necessidades seriam vencidas facilmente, uma vez que consideravam, na sua fé ardente, o lábaro DEUS-CRISTO-CARIDADE como um novo *in hoc signo vinces*. Hasteada esta bandeira na Federação, a capital do mundo espírita brasileiro, era quase arvorá-la em todos os grupos, bastando para isso uma propaganda sistemática pelo Reformador.

Desse entusiasmo resultou que, mal haviam obtido a aquiescência de Bezerra de Menezes — o chefe de prestígio moral e intelectual para uma campanha de tão vasta envergadura contra o Espiritismo científico — logo trataram de divulgar o que pretendiam fazer. Por isso, o editorial do Reformador de 1º de agosto de 1895 é considerado uma verdadeira plataforma.

Foi com ela que se estrearam os místicos. A sua leitura é imprescindível para quem deseje entrar no exato conhecimento da reforma espírita realizada sob a direção de Bezerra de Menezes. Não a daremos, entretanto, sem algumas observações postas sob as principais passagens. Esses comentários refletem, debaixo da análise do cronista, a crítica contemporânea, chegada a nós pela imprensa e, sobretudo, pela tradição das testemunhas mais notáveis, algumas ainda vivas neste momento (34).

(34) *Depois de escrita esta crônica, desencarnou, no Rio de Janeiro, uma delas, o dr. Francisco de Menezes Dias da Cruz.*

Assim começava a plataforma: "É para lastimar que, tendo-se difundido admiravelmente no Brasil as idéias espíritas de modo a não haver ninguém que não as aceite, seja a sua propaganda feita sem ordem nem sistema".

Os místicos principiavam, como se vê, por uma crítica à orientação de todos os grupos e sociedades, sem excetuar a Federação. Davam, porém, no fundo de seu pensamento, um ataque em cheio e inesperado ao Centro de Propaganda, reduto dos "científicos", que funcionava desde 24 de maio na rua Visconde do Rio Branco nº 67. A finalidade deste Centro, como o próprio nome indica, era propagar o Espiritismo, mas a propaganda se fazia sem ordem nem sistema. A crítica pareceu a muitos impropriedade. Se as "idéias espíritas", já "difundidas admiravelmente", deviam doravante ser divulgadas, não mais em sua espontaneidade, como se vinha fazendo, mas com "ordem e sistema", era óbvio que os místicos pretendiam regulamentar a propaganda e defender um sistema. Ora, sistema, na boca dos místicos, equivalia a sectarismo. Estabelecer um, seria condenar os demais. No consenso geral dos adeptos fiéis a Kardec, o que mais importava, no meio brasileiro, ainda não emancipado dos preconceitos católicos e do fetichismo indo-africano, não era divulgar este ou aquele sistema espírita — fruto de concepções humanas — mas espalhar as idéias espíritas em sua singeleza, isto é: a crença na imortalidade da alma, a verdadeira natureza dos Espíritos, as suas relações com os homens pela mediunidade, as suas revelações mais universais sobre Deus, a justiça divina, a reencarnação, etc. O propagandista, que tenha em mente o bem geral e não o triunfo de uma determinada seita, deverá agir como o semeador da parábola evangélica. Cumpre-lhe divulgar as idéias, os princípios fundamentais. O trabalho de defender uma certa doutrina pertence à outra categoria de missionários. A dos que chegam depois de feita a seara para a colheita e a seleção. O bom semeador de verdades novas não deve contrariar as leis e os Profetas de religião nenhuma. Imitando o da parábola, lançará de passagem, à esquerda e à direita, a sua boa nova, para que medre, cresça e frutifique segundo a natureza do terreno onde cair, isto é, no caso das idéias espíritas, conforme os sentimentos de cada coração e os conhecimentos de cada cérebro. Parecia, portanto, a uma grande ala de propagandistas, que

nada havia a lastimar da aparente desordem e da falta de sistema na vulgarização do Espiritismo, tanto mais que vinha produzindo frutos, que a própria plataforma registrava com admiração.

"Nos Estados — continuava o editorial — há grupos dispersos... Na Capital as associações estão desligadas... Empregam-se, nos Estados principalmente, métodos inconvenientes, tudo à falta de unidade de vistas... Cada grupo tem a sua orientação"... etc.

A crítica não parecia também procedente neste ponto, uma vez que tal situação derivava da maneira de propagar, acima comentada. Nada mais natural do que se formarem grupos de acordo com a orientação dos diretores. A dispersão era inevitável e o será sempre, enquanto a necessidade de defesa da liberdade de crer não se tornar imperiosa diante de uma política hostil e perseguidora. Só a política, e jamais a convenção particular, fará com que um dia, se Deus tiver marcado essa hora para a Humanidade, se unam os grupos espíritas numa só nacionalidade, como aconteceu ao judaísmo, ao Cristianismo, ao Islamismo, a Xintoísmo e a todas as seitas combatentes. Os métodos de trabalho, por sua vez, não devem ser criticados como grosseiros ou primitivos. Dependem da ilustração dos diretores de grupos e são conforme as necessidades do meio onde proliferam. Na sua diversidade está a sabedoria divina. As manifestações dos Espíritos, por uma lei eterna e imutável, estarão sempre de conformidade com o círculo em que se derem. Se essa lei de afinidade fosse um mal, a natureza não baseava nela a multiplicidade de suas obras. Mas vamos dar de barato que, em matéria de Espiritismo, não deva prevalecer a lei divina e sim a da unidade de vistas e de orientação idealizada pelos místicos. Nesta hipótese, de onde a orientação espírita deveria partir para manter perpétua a unidade de vistas: da ciência ou do misticismo? A Doutrina espírita contém em seu próprio seio a resposta, formulada pelo seu fundador. A humanidade, à medida que progride, cada vez mais se afasta do misticismo em busca da realidade científica. E mesmo quando penetra o campo da fé é com a ciência que deseja examinar os princípios fundamentais da Doutrina. Se, no futuro, depois de reduzida a mais completa ruína a atual civilização, surgir um Regenerador, que venha inaugurar a Nova Era, como se anuncia, somente uma religião baseada na ciência ligará todos os homens numa só verdade.

"Tudo progride e parece-nos que já é tempo de entrar o Espiritismo, entre nós, em nova fase analítica de que deverá subir à sintética, que unificará o Espiritismo do Brasil com o de todo o mundo".

Eis aí o ponto nevrálgico da plataforma. Era preciso criticar os costumes para os regenerar. Os místicos tinham em vista dar novo molde ao Espiritismo brasileiro a fim de o ligar um dia ao Espiritismo universal. Que seu intuito era de reformas, nenhuma dúvida seria possível ante o sentido de suas palavras. De fato, que se podia entender por uma "nova fase analítica", que haveria de surgir a unidade da doutrina espírita? Dentro da lógica, fase analítica, se estamos certos, é aquela em que o conhecimento paira sobre os princípios, sobre cada um dos princípios, isoladamente, tomados em seu valor próprio. Inversamente, fase sintética é aquela em que o conhecimento não se debruça mais sobre o princípio, destacado, mas sobre o conjunto deles, procurando uma generalização. São as duas velhas operações que o Espírito emprega para adquirir conhecimento. Segundo o método clássico, o conhecimento de uma coisa-em-si — a qual os filósofos chamam um nômemo — vem depois do exame parcelado de todos os seus efeitos, ou fenômenos. Assim sendo, forçoso era admitir que os místicos consideravam chegado o tempo, "entre nós", de se proceder à nova análise dos fenômenos espíritos para se estabelecer, em seguida, nova síntese. Isso importava, nada mais e nada menos, em declarar que a síntese de Allan Kardec estava, senão em caducidade, por força em insuficiência. Bem se pode imaginar o arrepio que tal suspeita provocou nos kardecistas, para os quais a obra genial do codificador do Espiritismo era uma relíquia sacrossanta. O propósito reformista dos místicos tornou-se-lhes alarmante. Tentavam organizar um novo Espiritismo!

"Para passarmos do estado de confusão, em que nos achamos, ao de ordem bem regulada, para chegarmos ao de sistema, que será o último trabalho humano, faz-se mister uma série e bem compreendida organização."

Que se tinha em vista a reforma do kardecismo, nenhuma dúvida podia haver diante desta passagem. Sem qualquer equívoco, os místicos

pretendiam acabar com o "estado de confusão", em que todos se achavam no regime da Doutrina dos Espíritos, levando os espíritas, por mais divergentes nos seus sentimentos e nos seus conhecimentos, a um regulamento, isto é, a uma "ordem bem regulada". E esse regulamento não seria de caráter transitório, nem progressivo, mas definitivo, por isso que o sistema ideado pelos místicos "será o último trabalho humano". Examinemos imparcial e friamente os principais aspectos dessa proposição. Em primeiro lugar, "organizar" não é senão reunir esforços de muitos sob o comando de um só. Não há organismo normal com mais de uma cabeça. Cada cabeça, cada organismo. Logo, "séria organização", como queriam, seria, afinal de contas, direção única e obediência geral — o grande sonho de todos os tiranos. Os grupos e as sociedades teriam, portanto, de fazer parte duma única aliança, perdendo a autonomia e independência em matéria de externalização da Doutrina, para que por toda a parte prevalecesse, imperialmente, uma só ortodoxia. Em segundo lugar, a nova teologia espírita não seria mais a de "O Livro dos Espíritos", ou Doutrina Espírita propriamente dita, nem a dos mais livros de Kardec, ou Doutrina Kardecista, ou, ainda, Espiritismo Aplicado, mas a que fosse constituída expressamente pela nova síntese, que seria tirada após uma nova análise dos fenômenos espíritos. Em terceiro lugar, "ordem bem regulada" só poderia ser aquela que derivasse de decretos, de imperiais "ordenações" para o bem geral. Importava, conseqüentemente, na existência de uma autoridade. Nem o relegado Kardec tão injustamente acusado, no seu tempo, de pretensão pontifical sonhou com tamanho poder, quando pensou na organização espírita. Um regulamento dessa natureza autoritária exigiria, preliminarmente, a exemplo do que fizeram as religiões de autoridade, a interdição do comércio com os Espíritos. Nada, portanto mais contrário à índole do Espiritismo. Nada mais impossível. A propaganda eficiente das idéias espíritas depende muito menos dos homens do que dos Espíritos, que sopram onde podem como podem, não segundo a vontade dos homens, mas da Inteligência que dirige o mundo. Dependesse ela embora só dos homens a ainda assim seria grande erro admitir que os Espíritos por amor de um centro humano, se submetessem todos ao regulamento autoritário que o centro lhes ditasse. Tampouco se devia supor que os homens aceitassem facilmente

uma tal sujeição de consciência. Não se podia olvidar que são justamente os rebelados contra as disciplinas religiosas, contra o autoritarismo infalível, contra o Crê ou Morre, contra a prisão da fé, os que se tornaram espíritas. Como impor novo jugo a essa gente revoltada, - que já lançou fora a canga antiga? Como sujeitá-la a um novo báculo depois que abandonaram o de seu primeiro pastor? Em derradeiro lugar, "ordem bem regulada" haveria de ser um código de ética espírita. Sua eficiência dependeria das sanções. Quem as imporá aos faltosos? Em que consistiriam elas? Naturalmente, um pontífice. Naturalmente, a excomunhão. Ainda que um dia, para castigo dos homens, um código dessa natureza viesse a ser decretado, as leis naturais, que regulam o comércio com os Espíritos, não seriam alteradas, como não o foram no passado. As manifestações continuariam, como sempre, formando-se, no silêncio e na penumbra, as dissidências ocultas, muito mais perigosas para as ortodoxias, porque arrebanham pela qualidade e não pela quantidade.

"Sem harmonia de ação, sem o concurso harmônico dos grupos entre si, o Espiritismo não fará mais progresso no Brasil, não passará de uma crença sem base, variante de indivíduo a indivíduo."

A variabilidade do Espiritismo segundo a pessoa e o meio, tão natural e necessária à harmonia geral, não podia agradar aos sectaristas. Os místicos investiram contra ela, mirando apenas à harmonia particular mais conveniente à sua seita. O progresso, a que se referiam, não era do Espiritismo antigo, kardeciano, mas do neo-Espiritismo, que desejavam divulgar. Esse, na verdade, tendo uma base invariável, não se poderia propagar "sem harmonia de ação, sem o concurso harmônico dos grupos". Qualquer divergência na propaganda provocaria o fracasso do sistema, ou criaria heresias. O neo-Espiritismo dos místicos, para fazer progresso no Brasil, teria de contar com uma disciplina fígura rosa, capaz de fazer de cada adepto um fanático. E que base invariável seria essa, afinal? Os místicos não a revelaram expressamente porque toda a gente sabia que era o Evangelho.

"A união faz a força. Organização e organização, é a palavra que parte

de todos os lábios, é a idéia que paira em todos os pensamentos, porque é chegada a hora de passarmos da fase sincrética à fase analítica, como acima indicamos."

Estavam resolutos. Era verdade que, desde há muitos anos, se falava numa organização do Espiritismo entre nós. É, aliás, a preocupação de todos os que se agrupam: universalizar o seu grupo. Todas as sociedades querem a união em torno de si. Por quê? Para adquirir a força. Seria um erro, pois, supor que estava generalizada a idéia de se liquidar com o ecletismo doutrinário. O que se queria era acabar com a liberdade alheia de entender e praticar o Espiritismo. Os místicos supunham chegada a hora de suplantar o ecletismo com a sua nova síntese. Mas sabiam que a própria solidariedade entre os crentes, tão útil para enfrentar os inimigos comuns, não podia deixar de ser partidária. A harmonia entre os espíritas pela mútua tolerância, tão necessária à vitória da causa comum, não era admissível com "adversários". Na hora da luta não se pensa em paz. Só os vencidos a pedem. O povo espírita não clamava a uma voze que o privassem da experiência pessoal, que lhe restringissem o direito de investigar, que o proibissem de discutir, recusar ou aceitar o que quer que fosse. Os místicos queriam, entretanto, tentar a execução de seu plano e não podiam deixar de apelar para a necessária união. Estavam no seu direito.

"Aceitamos, pois, de boa vontade, como nos cumpre, as inspirações que nos dão os prepostos do Senhor, incumbidos de desenvolver o Espiritismo no Brasil. Organizemos".

Neste trecho final encontrava-se o busílis da plataforma. "Aceitavam de boa vontade a missão que supunham ter recebido dos prepostos do Senhor. Estava o busílis porque todos sabiam que, desde o Grupo Confucius, se anunciava haver um certo número de Espíritos encarregado do desenvolvimento do Espiritismo em nossa terra. Esses prepostos, chefiados por Ismael sustentavam que o Brasil era a terra eleita do Evangelho e, portanto, nenhum Espiritismo poderia nele dar bons frutos se não tivesse como base a Palavra Eterna. Muitos aceitaram essa

revelação. Outros a recusaram, considerando-a sectária e oposta à finalidade universalista da Doutrina Espírita. Os que a aceitaram apegaram-se ao estudo dos Evangelhos. E como o Evangelho Segundo o Espiritismo, de Kardec, era um comentário, não aos evangelhos, mas aos princípios basilares da doutrina de Jesus mais conformes aos ensinamentos dos Espíritos, e não era, além disso um comentário feito pelos Espíritos e sim uma aplicação devido ao gênio do autor, buscaram uma obra mais vasta e mais espírita. O livro de Roustaing chegara ao Brasil muito cedo, quase ao mesmo tempo que os livros de Kardec. Os espíritas evangélicos mais cultos, à frente dos quais se achava o mais erudito de todos — Bittencourt Sampaio —, tomaram Os Quatro Evangelhos como vade-mécum e o levaram à altura de última palavra sobre doutrina de Jesus. O livro de Roustaing apresentava o mesmo valor doutrinário de "O Livro dos Espíritos", isto é, ambos atribuíam o que estava escrito a uma revelação ditada. Mas tinha sobre a obra de Kardec uma vantagem para o crente: todas as explicações eram dadas como advindas dos próprios evangelistas, assistidos pelos Apóstolos e estes, a seu turno, assistidos por Moisés. Os crentes dispensam em regra as provas. Contentam-se com a presunção de boa fé. O rustanismo pôde assim, graças à tolerância dos Espíritos evangélicos, ganhar adeptos entre os místicos. Se jamais os prepostos e muito menos o seu Chefe afirmaram que na obra de Roustaing estava o verdadeiro sentido da vida e doutrina de Jesus, também jamais fizeram uma assertiva em contrário. Mesmo porque, se tal fizessem, perderiam o tempo e a simpatia do fanático, e apagariam uma fé bruxoleante, que cumpre alimentar cuidadosamente. A obra de Roustaing concorreu, entretanto, para dividir os crentes e criar dificuldades invencíveis à desejada harmonia de vistas. Os espíritas cristãos passaram a formar dois grupos bem distintos: os kardecistas e os rustanistas. Os primeiros tinham Deus como único Senhor, causa primeira de todas as coisas, e recebiam Jesus como irmão, a quem denominavam Espírito Verdade. Não davam ao Cristo quaisquer característicos de deidade, não o consideravam, absolutamente, como os rustanistas, "a maior essência espiritual depois de Deus". Os outros, porém, consideravam Jesus o Senhor, igualando-o a Deus. Distinguiam o Pai e o Filho, mas lhes atribuíam uma única deidade, ainda que rejeitando a consubstanciação dos teólogos. Veneravam, além

disso, uma Senhora, a cuja intercessão apelavam de preferência. Além dessa divergência capital, alimentavam outras, entre as quais avulta a que discutia a natureza da carne de Jesus. Os kardecistas negavam e os rustanistas aceitavam a hipótese dos docetas (35).

(35) A primeira heresia do cristianismo foi o docetismo, nome com que Serapião, bispo da Antioquia, no século segundo, designou os adeptos da teoria da vida aparente de Jesus, em oposição aos sacorgenistas, que acreditavam no nascimento, vida e morte humana do Messias. Foi também a primeira heresia do Cristianismo espírita.

Ora, como a Federação ia ficar nas mãos dos adeptos do rustanismo, compreenderam os kardecistas e os espiritistas puros que teriam, mais cedo ou mais tarde, de se retirar e lutar contra ela por causa da desinteligência de princípios.

A plataforma foi, por essa razão, recebida como um sinal de guerra. Com a promessa de formar um novo Espiritismo baseado do Evangelho, o que naturalmente os místicos iriam impor com o tempo pela propaganda sistemática e regulamentada seria, nem mais nem menos, o rustanismo.

O célebre editorial, que tantos comentários provocou, como procuramos mostrar, terminava com estas palavras:

"Para organizarmos é preciso, primeiro, ligar em uma grande falange os trabalhadores; secundo, regularizar metodicamente o seu trabalho. No próximo número daremos o plano de organização."

Foi ao seu tempo, como dissemos, um aviso de luta. Na opinião geral, se os místicos conseguissem ligar uma grande falange, adeus Espiritismo científico!

No dia 3 de agosto de 1895, realizou-se, na sede social, às 8 horas da noite, uma assembléia geral com a presença de vinte místicos e dois científicos. A reunião havia sido convocada, não só para a eleição de Bezerra de Menezes, mas, por proposta deste, para o exame da situação financeira da casa e conhecimento da nova orientação na propaganda.

Bezerra de Menezes presidiu a sessão. Discutindo a crise monetária da Casa, um dos científicos procurou ferir a probidade de um dos mais

dignos sustentáculos e ornamentos da Federação antiga, a quem se devia em grande parte o seu ressurgimento. Era uma clamorosa injustiça. A revolta geral abafou o orador, que perdeu o entusiasmo com que viera talvez para combater a nova orientação. Serenados os ânimos, foram aprovadas as medidas de emergência praticadas pela anterior administração e dados poderes discricionários ao novo presidente. A eleição foi simples e rápida. Bezerra de Menezes obteve 19 votos e, por proposta de Elias da Silva, foi considerado empossado.

O presidente expôs o seu pensamento. Recebia a Federação, do ponto de vista material, despida dos recursos mais urgentes, sem verba sequer para o aluguel. Queria recebê-la também, do ponto de vista espiritual, sem quaisquer compromissos de ordem doutrinária. Era, portanto, no duplo sentido, uma reorganização, que lhe cabia fazer. Precisava de carta branca, mas lhe era indispensável o concurso de todos os seus amigos. Contava com a dedicação dos crentes e apelava para que nenhum desertasse na hora em que se ia travar uma luta por Jesus. Não só a Federação, mas o Espiritismo, no Brasil, precisava de um chefe. Que chefe maior, mais seguro, mais infalível poderiam todos almejar do que Jesus, o Senhor e Mestre de quem seria mero servidor? A liberdade de ação, que lhe era outorgada, não serviria jamais para impor a sua vontade pessoal, nem para exercer uma autoridade, que não tinha. Dado o novo rumo que ia imprimir à Casa, os estatutos estavam praticamente abrogados. A vida social teria de ficar subordinada à nova era, que raiava para a Federação. Ficavam extintas as sessões de puro academicismo, em que eram discutidas teses glaciais, que só serviam para enfraquecer os laços de solidariedade entre os homens, laços que surgem quando há interesses doutrinários comuns. Voltava a ter lugar, uma vez por semana, a sessão pública, que instituía em 1890, destinada ao estudo sistemático e graduado da Doutrina Espírita, sobretudo do Evangelho. A sessão seria às sextas-feiras, às 9 horas da noite. Todas as deliberações seriam publicadas no Reformador, quando tivessem um interesse geral. Por fim, agradecendo a boa vontade dos companheiros, fez uma prece de graças a Deus, a Jesus e a Maria, encerrando a sessão.

E assim como um dia sucede ao outro, mudou-se o rumo da Federação. O Reformador, no "Noticiário" de 15 de agosto concluiu a nota sobre a

assembléia com estas palavras, cujo sentido hoje pode ser bem compreendido pelos que consideram os homens meros instrumentos da Grande Vontade invisível:

"A Federação tem tudo a esperar do seu novo presidente e pensa que, se o apoio e a boa vontade dos nossos irmãos se fizerem efetivos e reais, em breve tempo ela se terá firmado e engrandecido, nesta nova fase em que em boa hora entrou."

Era a fase dos místicos, que dura até hoje.

As instruções de Allan Kardec

A 5 de fevereiro de 1889 manifestava-se Allan Kardec através do médium Frederico Pereira da Silva Júnior, mais conhecido por Frederico Júnior, dizendo: "Eis que se aproxima para mim o momento de cumprir minha promessa, vindo fazer convosco em particular e com os espíritas em geral um estudo rápido e conciso, sobre a marcha da nossa Doutrina nesta parte do planeta. É natural que a vossa bondade me forneça para isso ensejo, na próxima sessão prática, servindo-me do médium com a mesma passividade com que o tem feito das outras vezes. A ele peço, particularmente, não cogitar da forma da nossa comunicação, não só porque dessa cogitação pode advir alteração dos pensamentos externados, como ainda porque acredito haver necessidade, sem ofensa à sua capacidade intelectual, de submeter a novos moldes, quanto à forma, aquilo que tenho dito e vou dizer em relação ao assunto.

Realmente, na sessão seguinte, na sede da "Sociedade Espírita Fraternidade", no Rio de Janeiro, manifestou o Espírito do Codificador, dando as seguintes Instruções aos espíritas brasileiros, que na época viviam em constantes dissensões e rivalidades:

INSTRUÇÕES DE ALLAN KARDEC AOS ESPÍRITAS DO BRASIL, NA SOCIEDADE ESPÍRITA FRATERNIDADE, PELO MÉDIUM FREDERICO JÚNIOR

Paz e amor sejam convosco.

Que possamos ainda uma vez, unidos pelos laços da fraternidade, estudar essa Doutrina de paz e amor, de justiça e esperanças, graças à qual encontraremos a estreita porta da salvação futura — o gozo indefinido e imorredouro para as nossas almas humildes.

Antes de ferir os pontos que fazem o objetivo da minha manifestação, devo pedir a todos vós que me ouvis — a todos vós espíritas a quem falo neste momento — que me perdoem se porventura, na externalização dos meus pensamentos, encontrardes alguma coisa que vos magoe, algum espinho que vos vá ferir a sensibilidade do coração.

O cumprimento do dever nos impõe que usemos de linguagem franca, rude mesmo, por isso que cada um de nós tem uma responsabilidade individual e coletiva e, para salvá-la, lançamos mão de todos os meios que se nos oferecem, sem contarmos muitas vezes com a pobreza da nossa inteligência, que não nos permite dizer aquilo que sentimos sem magoar, não raro corações amigos, para os quais só desejamos a paz, o amor e as doçuras da caridade.

Certo de que ouvireis a minha súplica; certo de que, falando aos espíritas falo a uma agremiação de homens cheios de benevolência, encetei o meu pequeno trabalho, cujo único fim é desobrigar-me de graves compromissos, que tomei para com o nosso Criador e Pai.

Sempre compassivo e bom, volvendo os piedosos olhos à Humanidade escrava dos erros e das paixões do mundo, Deus torna uma verdade às palavras do seu amantíssimo Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, e manda o Consolador — o Espírito de Verdade — que vem abertamente falar da revelação messiânica a essa mesma Humanidade esquecida do seu imaculado Filho aquele que foi levado pelas ruas da amargura, sob o peso das iniquidades e das ingratidões dos homens!

Corridos os séculos, desenvolvido intelectualmente o espírito humano, Deus, na sua sabedoria, achou que era chegado o momento de convidar os homens à meditação do Evangelho, precioso livro de verdades divinas — até então ensombrado pela letra, devido à deficiência da inteligência humana para compreendê-lo em Espírito.

Por toda parte se fez luz; revelou-se à Humanidade o Consolador prometido, recebendo os povos — de acordo com o seu preparo moral e intelectual — missões importantes, tendentes a acelerar a marcha triunfante da Boa Nova.

Todos foram chamados, a nenhum recesso da Terra deixou de apresentar-se o Consolador em nome desse Deus de misericórdia que não quer a morte do pecador — que não quer o extermínio dos ingratos — que antes os quer ver remidos dos desvarios da carne, da obcecação dos instintos!

Sendo assim, a esse pedaço de terra a que chamais Brasil, foi dada também a revelação da revelação, firmando os vossos Espíritos, antes de encarnarem, compromissos de que ainda não vos desobrigastes. E perdoai

que o diga: tendes mesmo retardado o cumprimento deles e de graves deveres, levados por sentimentos que não convém agora perscrutar.

Ismael, o vosso Guia, tomando a responsabilidade de vos conduzir ao grande templo do amor e da fraternidade humana levantou a sua bandeira, tendo inscrito nela — DEUS, CRISTO E CARIDADE. Forte pela sua dedicação, animado pela misericórdia de Deus, que nunca falta aos seus trabalhadores, sua voz santa e evangélica ecoou em todos os corações procurando atraí-los para um único agrupamento onde, unidos, teriam a força dos leões e a mansidão das pombas; onde, unidos, pudessem afrontar todo o peso das iniquidades humanas; onde, enlaçados num único sentimento — o do amor —, pudessem adorar o Pai em espírito e verdade; onde se levantasse a grande muralha da fé, contra a qual viessem quebrar-se todas as armas dos inimigos da luz; onde, finalmente, se pudesse formar um grande dique à onda tempestuosa das paixões, dos crimes e dos vícios que avassalam a Humanidade inteira!

Constituiu-se esse agrupamento; a voz de Ismael foi sentida nos corações. Mas, oh! misérias humanas! A semelhança de sementes lançadas no pedregulho, eles não encontram terra boa para as suas raízes e quando aquele Anjo Bom — aquele Enviado do Eterno — julgava ter em seu seio amigos e irmãos capazes de ajudá-lo na sua grande tarefa, santa e boa, as sementes foram mirrando ao fogo das paixões — foram-se encravando na rocha, apesar do orvalho da misericórdia divina as banhar constantemente para sua vivificação!

Ali, onde a humildade devera ter erguido tenda, o orgulho levantou o seu reduto; ali onde o amor devia alçar-se, sublime e esplêndido, até aos pés de Nosso Senhor Jesus Cristo, a indiferença cavou sulcos, a justiça se chamou injustiça, a fraternidade — dissensão!

Mas, pela ingratidão de uns, haveria de sacrificar-se a gratidão e a boa vontade de outros?

Pelo orgulho dos que já se arvoraram em mestres na sua ignorância, havia de sacrificar-se a humildade do discípulo perfeitamente compenetrado dos seus deveres? Não!

Assim, quando os inimigos da luz, quando o Espírito das trevas julgava esfacelada a bandeira de Ismael, símbolo da trindade divina, quando a voz iníqua já reboava no espaço glorificando o reino das trevas e

amaldiçoando o nome do Mártir do Calvário, ele recolheu o seu estandarte e fez que se levantasse uma pequena tenda de combate com o nome — FRATERNIDADE!

Era este, com certeza, o ponto para o qual deviam convergir todas as forças dispersas — todos os que recebiam a semente no pedregulho!

Certos de que acaso é palavra sem sentido e testemunha dos fatos que determinam o levantamento dessa tenda, todos os espíritas tinham o dever sagrado de vir aqui se agrupar, ouvir a palavra sagrada do bom Guia Ismael, único que dirige a propaganda da Doutrina nesta parte do planeta, único que tem toda a responsabilidade da sua marcha e do seu desenvolvimento.

Mas, infelizmente, meus amigos, não pudestes compreender ainda a grande significação da palavra FRATERNIDADE!

Não é um termo, é um fato; não é sua palavra vazia, é um sentimento sem o qual vos achareis sempre fracos para essa luta que vós mesmos não podeis medir, tal a sua grandeza extraordinária!

Ismael tem o seu Templo e sobre ele a sua bandeira Deus, Cristo e Caridade! Ismael tem a sua pequenina tenda, onde procura reunir todos os seus irmãos — todos aqueles que ouviram a sua palavra e a aceitaram como a verdade. Chama-se FRATERNIDADE!

Pergunto-vos: Pertenceis à Fraternidade? Trabalhais para o levantamento desse Templo cujo lema é Deus, Cristo e Caridade?

Como, e de que modo?

Meus amigos! É possível que eu seja injusto convosco naquilo que vou dizer: — O vosso trabalho, feito todo de acordo — não com a Doutrina — mas com o que interessa exclusivamente aos vossos sentimentos, não pode dar bom fruto. Esse trabalho, sem método, sem regime, sem disciplina, só pode, de acordo com a Doutrina que esposastes, trazer espinhos que dilacerem vossas almas, dores pungentes aos vossos Espíritos, por isso que, desvirtuando os princípios em que ela assenta, dais entrada constante e funesta àquele que encontrando-vos desunidos pelo egoísmo, pelo orgulho, pela vaidade, facilmente vos acabrunhará, com todo o peso da sua iniquidade.

Entretanto, dar-se-ia o mesmo se estivésseis unidos? Porventura acreditais na eficiência de um grande exército dirigido por diversos

gerais, cada qual com o seu sistema, com o seu método de operar e com pontos de mira divergentes? Jamais! Nessas condições só encontrareis a derrota porquanto — vede bem, o que não podeis fazer com o Evangelho — unir-vos pelo amor do bem — fazem os vossos inimigos, unindo-se pelo amor do mal!

Eles não obedecem a diversas orientações, nem colimam objetivos diversos; tudo converge para a Doutrina Espírita — revelação da revelação — que não lhes convém e que precisam destruir, para o que empregam toda a sua inteligência, todo o seu amor do mal, submetendo-se a uma única direção!

A luta cresce dia a dia, pois que a vontade de Deus, iniciando as suas criaturas nos mistérios da vida de além-túmulo, cada vez mais se torna patente. Encontrando-se, porém, os vossos Espíritos, em face da Doutrina, no estado precário que acabo de assinalar, pergunto: — Com que elementos contam eles na temerosa ação em que se vão empenhar, cheios de responsabilidades?

Em que canto da Terra já se ergue o grande tabernáculo onde ireis elevar os vossos pensamentos — em que canto da Terra construístes a grande muralha contra o mal, contra a qual se hão de quebrar as armas dos vossos adversários?

Será possível que à semelhança das cinco virgens pouco zelosas, todo o cuidado da vossa paz tenhais perdido? Que repouseis sobre as outras que não dormem e que ansiosamente aguardam a vinda do seu Senhor?

Mas se é assim, em que consiste o aproveitamento das lições que constantemente vos são dadas a fim de tornar uma verdade a vossa vigilância e uma santidade a vossa oração?

Se assim é, onde os frutos desse labor fecundado de todos os dias, os vossos amigos de além-túmulo?

Acaso apodreceram roídas pela traça — tocados pelo bolor dos vossos arquivos repletos de comunicações?

Se assim é, e agora não há voltar atrás, porque já tendes a mão no arado, onde a segurança da vossa fé, a estabilidade da vossa crença, se entregues a vós mesmos, julgando-vos possuidores de grandes conhecimentos doutrinários, afastais, pela prática das vossas obras, aqueles que até hoje têm procurado incessantemente colocar-vos debaixo

do grande lábaro — Deus, Cristo e Caridade?

Onde, torno a perguntar, a segurança da vossa fé, a estabilidade da vossa crença, se tendo uma única doutrina para apoio forte e inabalável, a subdividis, a multipicais, ao capricho das vossas individualidades, sem contar com a coletividade que vos poderia dar a força, se constituísseis um elemento homogêneo, perfeitamente preparado pelos que se encarregam da revelação?

Mas onde a vantagem das subdivisões? Onde o interesse real para a Doutrina e seu desenvolvimento, na dispersão que fazeis do vosso grande todo, dando já desse modo um péssimo exemplo aos profanos, por isso que pregais a fraternidade e vos dividis cheios de dissensões?

Onde as vantagens de tal proceder? Estarão na diversidade dos nomes que dais aos grupos? Por que isso? Será porque este ou aquele haja recebido maior doação do patrimônio divino? Será porque convenha à propaganda que fazeis?

Mas para a propaganda precisamos dos elementos constitutivos dela. Pergunto: — onde a Escola dos Médiuns? Existe?

Porventura os homens que têm a boa vontade de estudar convosco os mistérios do Criador, preparando seus Espíritos para o ressurgir na outra vida, encontram em vós os instrumentos disciplinados — os médiuns perfeitamente compenetrados do importante papel que representam na família humana e cheio dessa seriedade, que dá uma idéia exata da grandeza da nossa Doutrina?

Ou a vossa propaganda se limita tão somente a falar do Espiritismo? Ou os vossos deveres e as vossas responsabilidades, individuais e coletivas, se limitam a dar a nota do ridículo àqueles que vos observam, julgando-vos doidos e visionários?

Meus amigos! Sei quanto é doloroso tudo isto que vos digo, pois que cada um dos meus pensamentos é uma dor que repassa profundamente o seu Espírito. Sei que as vossas consciências sentem perfeitamente todo o peso das verdades que vos exponho. Mas eu vos disse ao começar: — temos responsabilidades e compromissos tomados, dos quais procuramos desobrigar-nos por todos os meios ao nosso alcance.

Se completa não está a minha missão na terra, se mereço ainda do Senhor a graça de vir esclarecer a Doutrina que aí me foi revelada, dando-

vos nossos conhecimentos compatíveis com o desenvolvimento das vossas inteligências, se vejo que cada dia que passa da vossa existência — iluminada pela sublime luz da revelação, se produzirdes um trabalho na altura da graça que vos foi concedida — é um motivo de escândalo para as vossas próprias consciências; devo usar desta linguagem rude do amigo, a fim de que possais, compenetrados verdadeiramente dos vossos deveres de cristãos e de espíritas, unir-vos num grande agrupamento fraterno, onde — avigorados pelo apoio mútuo e pela proteção dos bons — possais enfrentar o trabalho extraordinário que vos cumpre realizar para a emancipação dos vossos Espíritos, trabalho que inegavelmente ocasionará grande revolução na Humanidade, não só quanto à parte da ciência e da religião, como também na dos costumes!

Uma vez por todas vos digo, meus amigos: — Os vossos trabalhos, os vossos labores não podem ficar no estrito limite da boa vontade e da propaganda sem os meios elementares indicados pela mais simples razão.

Não vem absolutamente ao caso o reportar-vos às palavras de N.S. Jesus Cristo quando disse que a luz não se fez para ser colocada debaixo do alqueire. Não vem ao caso e não tem aplicação, porque não possuis luz própria!

Fazei a luz pelo vosso esforço; iluminei todo o vosso ser com a doce claridade das virtudes; disciplinai-vos pelos bons costumes no Templo de Ismael, Templo onde se adora a Deus, se venera o Cristo e se cultiva a Caridade. Então sim; — distribuí a luz, ela vos pertence.

E vos pertence porque é um produto sagrado do vosso próprio esforço — uma brilhante conquista do vosso Espírito empenhado nas lutas sublimes da verdade.

Fora desses termos, podeis produzir trabalhos que causem embriaguez à vista, mas nunca que falem sinceramente ao coração. Podeis produzir emoções fortes, por isso que muitos são os que gostosamente se entregam ao culto maravilhoso, nunca, porém, deixarão as impressões suaves da verdade vibrando as cordas do amor divino no grande coração humano.

Fora dessa convenção ortodoxa, é possível que as plantas cresçam nos vossos grupos, mas é bem possível que também seus frutos sejam bastante amargos, bastante venenosos, determinando, ao contrário do que devia acontecer, a morte moral do vosso Espírito — a destruição pela base do

vosso Templo de trabalho!

Se o Evangelho não se tornar realmente em vossos Espíritos um broquel, quem vos poderá socorrer, uma vez que a revelação tende a absorver todas as consciências, emancipando o vosso século? Se o Evangelho nas vossas mãos apenas tem a serventia dos profanos livros que deleitam a alma e encantam o pensamento, quem vos poderá socorrer no momento dessa revolução planetária que já se faz sentir, que dará o domínio da Terra aos bons, preparados para o seu desenvolvimento, que ocasionará a transmigração dos obcecados e endurecidos para o mundo que lhes for próprio?

Que será de vós — quem vos poderá socorrer — se à lâmpada do vosso Espírito faltar o elemento de luz com que possais ver a chegada inesperada de Jesus Cristo, testemunhando o valor dos bons e a fraqueza moral dos maus e dos ingratos?

Se fostes chamados às bodas do filho do vosso rei, por que não tomam os vossos Espíritos as roupagens dignas do banquete, trocando conosco o brinde do amor e da caridade pelo feliz consórcio do Cristo com o seu povo?

Se tudo está preparado, se só faltam os convivas, por que cedeis o vosso lugar aos coxos e estropiados que virão como últimos, a ser os primeiros na mesa farta da caridade divina?

Esses pontos do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, ainda, apesar da revelação, não provocaram a vossa meditação?

Esse eco que ressoa por toda a atmosfera do vosso planeta, dizendo — os tempos são chegados! — será um gracejo dos enviados de Deus, com o fim de apavorar os vossos Espíritos?

Será possível nos preparemos para os tempos que chegam, vivendo cheios de dissensões e de lutas, como se não constituís sermos uma única família, tendo para regência dos nossos atos e dos nossos sentimentos uma única doutrina?

Será possível nos preparemos para os tempos que chegam, dando a todo momento e a todos os instantes a nota do escândalo, apresentando-nos aos homens como criaturas cheias de ambições que não trepidam em lançar mão até das coisas divinas para o gozo da carne e a satisfação das paixões do mundo?

Mas seria simplesmente uma obcecação do Espírito — pretender desobrigar-se dos seus compromissos e penetrar no reino de Deus coberto dessas paixões e dessas misérias humanas!

Isso equivaleria o não acreditardeis naquilo mesmo em que dizeis que credes: seria zombar do vosso Criador que, não exigindo de vós sacrifício, vos pede, entretanto, não transformeis a sua casa de oração em covil de ladrões!

Meus amigos! Sem caridade não há salvação. Sem fraternidade não pode haver união.

Uni-vos, pois, pela fraternidade debaixo das vistas do bom Ismael, vosso Guia e protetor. Salvai-vos pela Caridade, distribuindo o bem por toda a parte, indistintamente, sem pensamento oculto. Aqueles que vos pedem lhes deis da vossa crença ao menos um testemunho moral, que os possa obrigar a respeitar em vós o indivíduo bem intencionado e verdadeiramente cristão.

Sobre a propaganda que procurais fazer, exclusivamente para chamar ao vosso seio maior número de adeptos, direi: se os meios mais fáceis que tendes encontrado são a cura dos vossos irmãos obsessos, são as visitas domiciliares e a expansão dos fluidos, aí tendes um modesto trabalho para vossa meditação e estudo.

E, lendo, compreendendo, chamai-me todas as vezes que for do vosso agrado ouvir a minha palavra e eu virei esclarecer os pontos que achardes duvidosos. Virei, em novos termos, se for preciso, mostrar-vos que esse lado que vos parece fácil para a propaganda da vossa Doutrina é o maior escolho lançado no vosso caminho, é a pedra colocada às rodas do vosso carro triunfante e será, finalmente, o motivo da vossa queda desastrosa, se não souberdes guiar-vos com o critério que se exige daqueles que se empenham numa tão grande causa.

Permita Deus que os espíritas, a quem falo, que os homens, a quem foi dada a graça de conhecerem em Espírito e verdade a doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo, tenham a boa vontade de me compreender, a boa vontade de ver nas minhas palavras unicamente o interesse do amor que lhes consagro.

Allan Kardec